



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

FRANCISCO JOEL MAGALHÃES DA COSTA

CATOLICISMO E EDUCAÇÃO:
A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DA DIOCESE DO CRATO E A AÇÃO EDUCACIONAL
DE DOM QUINTINO NO CARIRI (1914-1929)

FORTALEZA

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

FRANCISCO JOEL MAGALHÃES DA COSTA

CATOLICISMO E EDUCAÇÃO:
A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DA DIOCESE DO CRATO E A AÇÃO EDUCACIONAL
DE DOM QUINTINO NO CARIRI (1914-1929)

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Educação Brasileira.
Orientador: Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

C837c

Costa, Francisco Joel Magalhães da.

Catolicismo e educação : a história da criação da diocese do Crato e a ação educacional de Dom Quintino no Cariri (1914-1929) / Francisco Joel Magalhães da Costa. – 2016.

99 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2016.

Área de Concentração: Educação Brasileira.

Orientação: Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior.

1. Catolicismo. 2. Romanização. 3. Educação religiosa. I. Título.

CDD 207.098131

FRANCISCO JOEL MAGALHÃES DA COSTA

**CATOLICISMO E EDUCAÇÃO:
A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DA DIOCESE DO CRATO E A AÇÃO EDUCACIONAL
DE DOM QUINTINO NO CARIRI (1914-1929)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: ____/____/____

Banca examinadora:

Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Josier Ferreira da Silva
Universidade Regional do Acaraú (URCA)

Profa. Dra. Keila Andrade Haiashida
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

**FORTALEZA
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho e tudo o que foi feito nessa trajetória até aqui, às pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta à realização desta dissertação e ao grande passo na vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Otoniel Pereira da Costa e Hilda Magalhães da Costa, pelo cuidado, incentivo e atitude à minha formação educacional.

À minha primeira professora, dona Estela, pelas primeiras letras (ensino informal), que despertaram a minha vontade pelo estudo.

À esfera estadual e a Escola de 1º. Grau Visconde do Rio Branco, que proporcionaram a minha formação de primeiro grau, do primeiro ao oitavo ano, entre os anos de 1970 e 1978.

À esfera Federal e a Escola Técnica Federal do Ceará, que proporcionaram a minha formação de segundo grau e minha habilitação técnica e profissional em topografia de estradas, entre os anos de 1978 a 1983.

Ao meu orientador, Professor Elmo Vasconcelos Júnior, pelo acompanhamento, orientação e amizade.

À Faculdade de Educação - FACED/UFC e todos que fazem parte da instituição.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFC, pelo apoio e esclarecimentos quanto aos trâmites acadêmicos.

Aos professores e colegas do Núcleo de História e Memória (NHIME) pela compreensão, apoio e contribuição ao desenvolvimento da dissertação.

Aos Professores, José Rogério Santana, José Gerardo Vasconcelos, Rui Martinho Rodrigues, Luís Távora, Francisco Ari Andrade e Romeu Duarte pelas contribuições e sugestões no trabalho.

À FUNCAP – Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelos recursos aportados, que viabilizaram o cumprimento deste mestrado.

À Cúria Diocesana e seus integrantes, em especial, o Chanceler Armando Lopes, pela atenção e contribuição bibliográfica.

EPÍGRAFE

“Se você acha que educação é cara, experimente a ignorância”.

Derek Bok

RESUMO

Este trabalho de dissertação tem como objetivo compreender, através da história e memória, como foi criado e implantado o projeto de educação, no Cariri, da Igreja Católica, a partir da criação da Diocese do Crato. Assim, temos como eixo determinante, as ações instrucionais da Igreja Católica, a partir da criação da diocese neste município. A diocese sufragânea do Crato foi criada em 20 de outubro de 1914 pelo Papa Bento XV, através da bula papal *Catholicae Ecclesiae*. O estudo consiste numa pesquisa bibliográfica, cujas fontes mostraram informações históricas que marcaram o desenvolvimento do Crato nos aspectos social, político, cultural, religioso e educacional e, justificaram a escolha por esse tema. Nesse contexto, o estudo se enveredou nas perspectivas da História Local, Nova História Cultural, Micro-História e Produção Biográfica. Nesse processo de conhecimento, a tessitura histórica foi fragmentada em três capítulos. No capítulo 1: contempla a justificativa do tema; o objetivo geral e os objetivos específicos; a metodologia e o embasamento teórico; e a descrição dos capítulos seguintes. No capítulo 2: discorre sobre a contribuição social e educacional das missões realizadas pelas ordens religiosas; trata do processo de romanização da Igreja Católica, a partir das ordens advindas da Santa Sé, em Roma, até a romanização no Ceará; aborda os trabalhos preparatórios de reestruturação e criação de seminários e dioceses. E, por último, no capítulo 3: enfoca um pouco da vida de Padre Cícero, a sua relação com a política e seus embates com a Igreja Católica; ressalta a religiosidade popular; foca o progresso e suas nuances ao longo do tempo, acerca do município do Crato; e traz breves notas sobre a vida do bispo Dom Quintino, em relação, em especial, a sua formação e suas ações educacionais voltadas para o bispado.

Palavras-chave: Educação, Catolicismo; Romanização.

ABSTRACT

This dissertation aims to understand, through history and memory, as the education project was created and deployed in Cariri, the Catholic Church, from the creation of the Roman Catholic Diocese of Crato. So we have a determining axis, the instructional actions of the Catholic Church, from the creation of the diocese in this county. The suffragan diocese of Crato was created on October 20, 1914 by Pope Benedict XV by papal bull *Catholicae Ecclesiae*. The study consists of a literature whose sources showed historical information that marked the development of Crato in social, political, cultural, religious and educational and justified the choice of this theme. In this context, the study embarked from the perspectives of local history, New Cultural History, Micro-History and Biographical production. In this process of knowledge, the historic fabric has been fragmented into three chapters. Chapter 1: involves the issue of justification, the general objectives and specific objectives, methodology and theoretical basis, and the description of the chapters. Chapter 2: discusses the social and educational contribution of the missions carried out by religious orders; is the Romanization process of the Catholic Church, from the resulting orders of the Holy See in Rome, to the Romanization in Ceará; covers the preparatory work on restructuring and creation of seminaries and dioceses. And lastly, in Chapter 3: focuses on some of Father Cicero's life, his relationship with politics and their clashes with the Catholic Church, the popular religiosity; focuses on the progress and its nuances over time, about Crato; and provides brief notes on the life of Bishop Quintino, in relation, in particular, their training and their educational actions to the bishopric.

Keywords: Education, Catholicism; Romanized.

RÉSUMÉ

Cette thèse vise à comprendre, à travers l'histoire et de la mémoire, comme le projet d'éducation a été créé et déployé dans Cariri, l'Eglise catholique, de la création du diocèse catholique romain de Crato. Nous avons donc un axe déterminant, les actions d'enseignement de l'Eglise catholique, de la création du diocèse dans cette commune. Le diocèse suffragant de Crato a été créé le 20 Octobre 1914 par le pape Benoît XV par bulle papale *Catholicae Ecclesiae*. L'étude se compose d'une littérature dont les sources ont montré des informations historiques qui ont marqué le développement de Crato dans la vie sociale, politique, culturelle, religieuse et éducative et justifié le choix de ce thème. Dans ce contexte, l'étude a entrepris des perspectives de l'histoire locale, nouvelle histoire culturelle, Micro-histoire et de production biographique. Dans ce processus de connaissance, le tissu historique a été fragmenté en trois chapitres. Chapitre 1: implique la question de la justification, les objectifs généraux et les objectifs spécifiques, la méthodologie et base théorique, et la description des chapitres. Chapitre 2: traite de la contribution sociale et éducative des missions effectuées par des ordres religieux; est le processus de romanisation de l'Eglise catholique, des ordres résultant du Saint-Siège à Rome, à la romanisation en Ceará; couvre les travaux préparatoires sur la restructuration et à la création des séminaires et des diocèses. Et enfin, au chapitre 3: met l'accent sur une partie de la vie du Père Cicero, sa relation avec la politique et leurs affrontements avec l'Eglise catholique, la religiosité populaire; met l'accent sur les progrès et ses nuances au fil du temps, au sujet de Crato; et fournit de brèves notes sur la vie de l'évêque Quintino, en ce qui concerne, en particulier, leur formation et leurs actions éducatives à l'évêché.

Mots-clés: Education, le catholicisme; Romanisée.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Planta típica de uma missão Jesuítica	23
Figura 2 – Morte do Padre Francisco Pinto	26
Figura 3 – Seminário de Mariana	30
Figura 4 – Seminário de Olinda	31
Figura 5 – Dom Luiz Antônio dos Santos, 1º Bispo do Ceará	39
Figura 7 – Dom Joaquim José Vieira – 2º Bispo do Ceará	44
Figura 8 – Dom Manoel da Silva Gomes – 3º Bispo do Ceará	47
Figura 9 – Mapa Rodoviário do Ceará, 2009.....	49
Figura 10 – Foto atual do Seminário do Crato, localizado no bairro Seminário, na cidade do Crato, na região do Cariri, Ceará	51
Figura 11 – Foto da inauguração do Seminário Propedêutico, localizado no Município de Barbalha, na região do Cariri	52
Figura 12 – Mapa do Ceará, com a divisão das dioceses católicas	54
Figura 13 – Pintura da Praça da Sé em 1914, ano de criação da Diocese do Crato	56
Figura 14 – Padre Cícero	57
Figura 15 – Dom Panico, atual bispo do Crato	62
Figura 16 – Dom Panico, atual bispo do Crato, ao centro com a Cúria Diocesana e o Chanceler Armando Lopes Rafael, na segunda posição, a sua esquerda	64
Figura 17 – Mapa dos municípios integrantes da Diocese do Crato	65
Figura 18 – Mapa da Região Metropolitana do Cariri	66
Figura 19 – Seminário da Prainha	70
Figura 20 – Colégio Diocesano do Crato, antigo Ginásio Diocesano	75
Figura 21 – Colégio Santa Teresa de Jesus	75
Figura 22 – Dom Quintino, primeiro bispo do Crato	76

LISTA DE SIGLAS

CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano

FACED – Faculdade de Educação

NHIME – Núcleo de História e Memória

FUNCAP – Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

RMC – Região Metropolitana do Cariri

UECE – Universidade Estadual do Ceará

UFC – Universidade Federal do Ceará

LISTA DE ABREVIATURAS

D. – Dom

Dr. – Doutor

Dra. – Doutora

Ed. - Edição

Ibid. – No mesmo lugar

p. – Página

pag. – Página

Pe. – Padre

PE - Padre

Prof. – Professor

Profa. - Professora

Sta. - Santa

Sr. - Senhor

v. – Você

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. A AÇÃO DA IGREJA CATÓLICA NO CARIRI	22
2.1 A contribuição das missões na gênese do Crato	22
2.2 A História do processo de romanização da Igreja Católica no Ceará	27
2.3 O Seminário do Crato veio antes da Diocese	50
3. A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DA DIOCESE DO CRATO	55
3.1 O Padre Cícero e sua importância na conjuntura política, religiosa, social e territorial do Cariri	57
3.2 A criação da Diocese do Crato e sua influência no progresso econômico, social e cultural da região do Cariri	65
3.3 Dom Quintino e o seu projeto educacional para o Cariri	69
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
5. REFERÊNCIAS	80
6. ANEXOS	84
ANEXO 1 – Cronologia dos fatos de Juazeiro ligados a padre Cícero ...	85
ANEXO 2 - A carta, na íntegra, de Dom Luiz, bispo do Ceará, aos fiéis da Freguesia do Crato, solicitando ajuda na construção da Diocese de Fortaleza	88
ANEXO 3 – A relação de paróquias (56) atreladas à Diocese de Crato, distribuídas em regiões Forâneas	90
ANEXO 4 – Cronologia de datas importantes atreladas à formação eclesial do Ceará	93
ANEXO 5 – Carta Pastoral de Dom Quintino para o Padre Azarias Sobreira sobre o jornal A Região	94
ANEXO 6 – Primeira Carta pastoral destinada à Madre Ana Couto, convidando-a para administrar o Colégio	96
ANEXO 7 – Segunda Carta pastoral destinada à Madre Ana Couto, convidando-a para administrar o Colégio	94

1. INTRODUÇÃO

A escolha pelo tema em questão é justificada pelo universo de informações históricas, que marcaram o desenvolvimento do Crato e da região caririense, nos aspectos sociais, político, cultural, religioso, e principalmente, educacional, que é a razão maior da nossa pesquisa, a partir da relação com a Igreja Católica.

O tema pesquisado é fascinante, pois envolve história e educação. Intrinsecamente ligados, poderíamos dizer, nesta pesquisa, indissociáveis, pois, os conhecimentos históricos advêm da investigação ou da pesquisa investigativa. Esta traz à luz o conceito de Homem e sua ação; e todos os processos e eventos históricos ocorridos no passado, expressados através da memória – escrita e/ou oral – para a humanidade, em especial, aos pesquisadores.

A educação ligada ao ensino e à aprendizagem tem a responsabilidade de transmitir e perpetuar os processos e eventos históricos de toda natureza, permitindo a convivência entre os homens.

O amálgama da história (ciência) com a educação (arte), chamada de História da Educação, possibilita a reflexão crítica dos processos e eventos históricos e das convivências e ações humanas. Esta área do conhecimento e outras áreas do núcleo de História e Memória (NHIME) – sob a coordenação do Professor José Gerardo Vasconcelos e orientação do Professor Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior, foram de extrema contribuição para a realização deste trabalho.

E foi, exatamente, a partir das orientações do Professor Elmo e sua tese de doutoramento, intitulada “O Limoeiro da Educação: a história da criação da diocese e a ação educacional de Dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte (1938-1968)”, que veio a inclinação para este objeto de estudo, que também foca a educação, dentro de uma espacialidade e temporalidade, a partir da criação de uma diocese e das ações de seu primeiro bispo.

O debruçar sobre esta pesquisa, propiciou conhecer e, agora apresentar um fragmento da história do desenvolvimento socioeconômico, e principalmente, educacional da cidade do Crato, e conseqüentemente, da região do Cariri. Esse resgate histórico remete à opinião de Hobsbawm (1995 p. 13), quando ele diz que os jovens crescem numa espécie de “presente contínuo”, afastados do passado da época em que vivem, por isso, a importância dos historiadores, cujo ofício é lembrar

o que os outros esquecem.

O item – justificativa – está voltado para a questão do “por quê?”. Nessa perspectiva, a pesquisa foi esmiuçada no sentido de aprofundar o tema, a partir da narrativa histórica, se apropriando de discussões apresentadas em outras pesquisas e documentos. Sabe-se que, quanto mais conhecimento, mais iluminado ficam nossos caminhos, podendo, metaforicamente, como as árvores, multiplicar os seus frutos quando captam os seus elementos vitais, pois, o estudo traz à luz um recorte espacial e temporal que, para muitos, representa um pertencimento ao acontecimento, em especial, aos filhos da região.

Para tanto, foram traçados alguns objetivos, neste sentido, o objetivo geral foi o de compreender através da história e memória como foi criado e implantado o projeto de educação da Igreja Católica, no Cariri, a partir da criação da Diocese do Crato, e teve como objetivos específicos: a criação de um arquivo digital com fotografias antigas e atuais dos seminários, das dioceses e dos bispos, em especial, do primeiro bispo do Crato, Dom Quintino; e a confecção de mapas com a localização das dioceses sufragâneas, filiadas à Arquidiocese de Fortaleza; das paróquias ligadas à Diocese do Crato, escolas e os seus limites.

Este trabalho implicou num estudo bibliográfico, que, segundo Polak (2011), envolve a parte inicial do estudo, análise e discussão dos dados e consiste na busca das fontes que trabalham o tema. Nesse caso, as investigações pertinentes à pesquisa e às tendências historiográficas suscitam um olhar minucioso em livros e artigos científicos de vários autores. Também exigiu um debruçar em variados aportes teóricos, temas e problemáticas, que no decorrer da pesquisa necessitaram de leituras de outras áreas do conhecimento, especificamente, leituras do processo histórico da educação, que viriam a contribuir numa fundamentação teórica que reescrevesse um fragmento da história da educação no Ceará.

Nessa lógica, ainda segundo Polak (2011), a fundamentação teórica é resultado da leitura, inerente ao tema trabalhado pelo pesquisador, escrito por especialistas, cujo conteúdo se relacione com o tema e possa subsidiar o pesquisador na sistematização do conhecimento a ser pesquisado.

Discorrer nessa seara teórica, necessária à pesquisa, implica numa abordagem de eventos históricos à luz da Nova História Cultural, pois, esta, entre as categorias de análises historiográficas, apresenta novas representações ao pesquisador da história da educação, permitindo-lhe novas construções.

A Nova História Cultural traz uma nova forma de a história tratar a cultura.

Segundo Pesavento:

Não mais como uma mera história do pensamento, onde se estudava os grandes nomes de uma dada corrente ou escola. Mas, que tende a enxergar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.¹

Desta maneira, o transitar no mundo dos significados construídos e partilhados entre os homens conclama pelos conceitos micro-históricos, e é através destes conceitos, que os historiadores se defrontam com ramificações de outras áreas de conhecimento, dinamizando a pesquisa e tornando-a satisfatória.

Neste caminho, o historiador que conta com os conceitos da Nova História Cultural, tem a possibilidade de vislumbrar os acontecimentos e fatos que a historiografia tradicional não permitiria o olhar com clareza, além de trazer à luz dados que estavam dormentes, fortalecendo a sua análise, tornando-a mais criteriosa, justa e democrática. Segundo o pensamento de Reznick,

Ao eleger o local como circunscrição de análise, como escala própria de observação, não abandonamos as margens (...), as normas, que, regra geral, ultrapassam o espaço local ou circunscrições reduzidas. A escrita da história local costura ambientes intelectuais, ações políticas, processos econômicos que envolvem comunidades regionais, nacionais e globais. Sendo assim, o exercício historiográfico incide na descrição dos mecanismos de apropriação – adaptação, resposta e criação – às normas que ultrapassam as comunidades locais.²

Em particular, as obras micro-históricas estão permeadas de subjetividade, cujo conteúdo carrega porções de intuição, onde o historiador precisa ler nas entrelinhas. A micro-história remete ao caso de Domenico Scandella, conhecido por Menochio, um moleiro do Norte da Itália, denunciado e condenado por heresias contra o nome de Cristo, pela Santa Inquisição, em 1583, onde na narrativa, Ginzburg³ (2000) se utiliza dos conceitos micro-históricos para descrever a temporalidade e espacialidade em que vivia o moleiro, narrando fatos sobre o lugar

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e história cultural. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004. Pag. 14 e 15.

² REZNIK, Luís. Qual o lugar da história local? Artigo publicado em www.historialocal.com.br, acessado em 25.03.2014.

³ Carlo Ginzburg é um historiador italiano, conhecido como um dos pioneiros no estudo da micro-história. Desde 2006, ocupa a cadeira de história cultural europeia na Escola Normal Superior de Pisa.

e indivíduos, até então desconhecidos; a cultura do lugar e dos indivíduos; a figura do moleiro, trazendo-o até nós, um personagem anônimo, cuja história poderia estar até hoje no anonimato.

O trabalho também contempla a questão biográfica na reconstrução da história da educação do Cariri pela Igreja Católica, a partir da Criação da Diocese do Crato em 1914 e sua história, acrescida da ação educacional de seu primeiro bispo, Dom Quintino, cujo tema desta pesquisa tem a pretensão de recompor um fragmento muito importante na história da educação no Ceará, focalizando os acontecimentos sob o olhar micro-histórico, dentro de um contexto mais amplo, contribuindo para elucidar fatos pouco pesquisados ou ainda por registrar.

O espaço desta pesquisa é a região do Cariri, em especial, a cidade do Crato, sede da diocese criada na região do Cariri, situada ao sul do Estado do Ceará, dentro de uma dinâmica histórica, política, social e cultural que evoluiu, a partir da concepção de um projeto de educação, marcado pela participação política e educacional da Igreja.

Nesse contexto, o estudo está entrelaçado numa perspectiva de história local, que remete a Thompson (2007), quando assinala que: “por meio da história local, uma aldeia ou uma cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança, e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história”.⁴

O foco da pesquisa é a criação da diocese do Crato, localizada no Cariri cearense, região pouco conhecida nesse imenso território brasileiro, mas, que como poucas, foi palco de uma experiência de grande importância, o desenvolvimento de um projeto educacional, impulsionado pela Igreja Católica, que através dessa ação, tornou esta cidade, referência em educação no Nordeste brasileiro.

Para tanto, será feito um percurso na história da Igreja Católica no Ceará, notadamente a partir da Administração de Dom Manuel da Silva Gomes, primeiro arcebispo do Ceará e o seu projeto de descentralização espacial, com a criação de dioceses nas cidades do Crato, Sobral e Limoeiro do Norte.

Nesta perspectiva, como complementaridade, nos utilizamos de uma produção bibliográfica de cunho sociológico-histórico, em especial, os estudos de Francisco Josênio Camelo Parente, publicados em 1999 e 2000, por considerar o

⁴ THOMPSON, Paul. A voz do Passado – História Oral. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro. 3ª Ed. 2007. Pág. 107.

autor um observador atento às diretrizes da Igreja Católica no Ceará e sua relação com a política estadual. Além de Parente, destacam-se os autores Padre Azarias (SOBREIRA 1965; 2006) e Padre Tales (FIGUEIREDO 2015), por suas relações com a Igreja e com a diocese, cujas obras foram conseguidas na Cúria Diocesana, diretamente das mãos do atual chanceler da diocese, Armando Lopes Rafael, além de Irineu Pinheiro que foi historiador, escritor e jornalista, nascido em Crato.

O estudo está dividido em três capítulos: o capítulo I, que coincide com a introdução, contempla a justificativa do tema; o objetivo geral e os objetivos específicos; a metodologia e o embasamento teórico; e a descrição dos capítulos.

No capítulo II, o tópico 2.1, discorre sobre a contribuição social e educacional das missões realizadas pelas ordens religiosas, tanto em nível nacional, como em nível local, em se tratando da evolução histórica da cidade do Crato. Nessa tessitura, contou-se com a colaboração histórico-pedagógica de Dermeval Saviani.

No tópico 2.2, tratamos do processo de romanização da Igreja Católica, a partir das ordens advindas da Santa Sé, em Roma, até a romanização no Ceará; e por último, no tópico 2.3 abordamos os trabalhos preparatórios de reestruturação e criação de seminários e dioceses.

Nesse sentido, nos foi de grande valia o livro “A Diocese de Crato: gênese e contexto (1874 – 1914)”, síntese da monografia de mestrado de Tales Eduardo Santos Figueiredo, o Padre Tales, pela Faculdade de História e Bens Culturais da Igreja, da Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma, cuja pesquisa, feita em fontes primárias nos Arquivos secretos do Vaticano, apresenta episódios e ocorrências dos bastidores do processo de criação da Diocese do Crato, desconhecidos dos historiadores.

Também foi utilizada no estudo, a tese intitulada “O Limoeiro da educação: a história da criação da diocese e a ação educacional de Dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte (1938-1968)”, de Vasconcelos Júnior, que faz referência aos mesmos fatos que norteiam este trabalho, mas em relação à Limoeiro do Norte e seu bispo.

No tópico 3.1, do capítulo III, enfocamos fatos ligados diretamente ao Padre Cícero, a sua relação com a política e seus embates com a Igreja Católica; a religiosidade popular. Para discorrer sobre estes assuntos, tivemos a contribuição indispensável de livros e artigos científicos, que serviram de estrutura. Entre as

literaturas, destacamos o livro “Milagre em Joaseiro”, de Della Cava, cujo conteúdo foca o movimento social, político e econômico que sucedeu o milagre que envolvia a figura de Padre Cícero.

Destacamos, também, na literatura biográfica, o livro “Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão” de Lira Neto, que magistralmente, embora não seja historiador de ofício, descreve a vida e obra do padre, que está intrinsecamente ligado aos acontecimentos narrados neste trabalho de dissertação; além das publicações anuais da Revista Instituto do Ceará, cujos artigos científicos são publicados desde 1887, sem interrupção até os dias atuais.

Ainda no capítulo III, no tópico 3.2, o foco é direcionado ao progresso econômico e social do Crato, associando-o a criação da diocese, para isso, no bojo referencial-teórico, destacamos Jacques Le Goff⁵, cuja obra (História e Memória) aponta os conceitos sobre progresso; registramos, também, a narrativa histórica de Irineu Pinheiro⁶ sobre os fatos históricos de Crato de forma objetiva e clara para o leitor e/ou pesquisador. Em comum acordo com Barbara W. Tuchman⁷ quando diz:

Quem escreve sobre história tem, parece-me, várias obrigações com o leitor, se quiser conservá-lo. A primeira é destilar. Deve fazer o trabalho preliminar para o leitor, reunir as informações, dar-lhes sentido, selecionar o essencial, rejeitar o irrelevante – sobretudo rejeitar o irrelevante – e colocar o restante de modo a formar uma narrativa dramática que se desenvolve. A narrativa, já se disse, é o elemento vital da história. (TUCHMAN, 1991, pg. 10).

O terceiro e último tópico do capítulo III tem caráter biográfico, e traz breves notas sobre a vida do bispo Dom Quintino, focando principalmente a sua formação e suas ações educacionais voltadas para o Crato e, para melhor dissertar sobre este subtema, foi utilizado o livro: “O primeiro bispo de Crato: Dom Quintino”, e os artigos publicados na Revista Instituto do Ceará, cujo autor, foi o Padre Azarias

⁵ Jacques Le Goff (1924-2014) foi um historiador francês especialista em Idade Média. Era membro da Escola dos Annales, empregou-se em antropologia histórica do ocidente medieval.

⁶ Irineu Nogueira Pinheiro (Crato, 1881 – Crato, 1954) foi um historiador regional, escritor e jornalista brasileiro. Era filho de Manuel Rodrigues Nogueira Pinheiro e Irinéia Pinto Nogueira. Fundou o Correio do Crato, colaborou com o Correio do Cariry, A Região, O Araripe, Crato-jornal e A Ação, além do Rotary Club do Crato. Em 1910 formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi o primeiro presidente do Instituto Cultural do Cariri, em 1953.

⁷ Barbara Wertheim Tuchman (1912-1989) foi uma escritora e historiadora autodidata estadunidense. Ficou conhecida pelo livro *The guns of August* (Os canhões de agosto, no Brasil), uma história do prelúdio do primeiro mês da Primeira Guerra Mundial que lhe garantiu o prêmio Pulitzer.

Sobreira, contemporâneo de Dom Quintino, com quem conviveu, assessorando-o nos trabalhos da diocese.

Padre Azarias Sobreira, natural de Juazeiro do Norte, era filólogo, profundo conhecedor da história eclesiástica do Ceará, dos costumes, do adagiário e de genealogia cearenses, é autor de vários livros sobre a relação conflituosa entre a Igreja Católica e o Padre Cícero, destacando-se entre outras publicações, O Patriarca de Juazeiro. Sem dúvida, a sua análise serviu como esteio para a compreensão da realidade da região do Cariri, quando da criação da diocese no Crato e a preocupação de Dom Quintino com ampliação da rede escolar confessional em sua jurisdição.

2. A AÇÃO DA IGREJA CATÓLICA NO CARIRI

2.1 A contribuição das missões na gênese do Crato

O termo missão significa enviar, e de acordo com o pensamento missionário, apresenta uma atuação vasta e abrangente nos assuntos internos e externos da Igreja. Por outro lado, o termo “missões” apresenta uma especificidade, que consiste no envio de um grupo especializado e autorizado para além-fronteiras. Este grupo transporta consigo o mandamento dos apóstolos, e tinha a incumbência de pregar o evangelho mundo afora.

Nessa perspectiva, o objetivo das missões se caracteriza pela evangelização, divulgação e propagação dos conceitos cristãos, buscando a fixação e multiplicação dos trabalhos missionários no lugar destinado. Esses trabalhos missionários iam além da catequese e atingiam a dimensão social, assistencialista, econômica, artística, cultural e educacional.

Nesse contexto, as missões provocavam mudanças pela transformação ou supressão, alterando a estrutura sociocultural local. Temos a colonização das Américas como exemplo da ação transformadora das missões, especificamente o Brasil, com a conversão maciça do povo nativo e engendramento de um gigantesco sincretismo cultural.

No Brasil, a primeira ordem religiosa a chegar foi a dos franciscanos, na caravela de Pedro Álvares Cabral, cuja primeira ação foi celebrar a primeira missa, na recente terra, em 1500, porém, estes missionários partiram com a esquadra de Cabral, estancando a catequese.

Depois desse primeiro grupo, outros grupos de franciscanos estiveram no Brasil, 1516 e outro em 1534. Segundo Saviani (2008), este grupo desenvolveu um grande trabalho de catequese junto aos índios Carijós no Sul do Brasil, percorrendo as aldeias indígenas em missões volantes. Com a criação da primeira Custódia do Brasil, com o convento chamado de Nossa Senhora das Neves de Olinda, veio o estabelecimento da ordem, em 1585.

O termo “missões” também denominava os aldeamentos criados e organizados pelos missionários, os quais facilitavam o processo de catequese. Nesse sentido, a primeira ordem religiosa a se fixar em aldeamento foi a Companhia

de Jesus, através de seus padres missionários, chamados jesuítas, em 1549, com o apoio da Coroa Portuguesa, segundo as normas do Padroado.

Inicialmente, os aldeamentos se concentraram na costa, e na formação desses aldeamentos, os jesuítas contavam com a ajuda dos soldados portugueses, que na maioria das vezes, utilizavam a violência na condução dos indígenas das aldeias para os aldeamentos. Estes serviam de local para a doutrinação e se diferenciavam das aldeias naturais dos nativos.

A princípio, os métodos de evangelização consistiam em pregação, procissões, presentes, canto e dança, mas, notada a ineficácia na doutrinação dos índios, os missionários optaram pelo afastamento destes, dos curandeiros, pajés, feiticeiros e hábitos primitivos. Além dessas coações, os missionários procuravam impedir a poligamia e nudez, além de todo um ordenamento espacial das aldeias, diferenciado das aldeias originais destes povos, conforme é visualizado na figura 1. Outra questão de destaque foi a concentração nestas aldeias de índios de várias regiões com culturais diferenciadas.

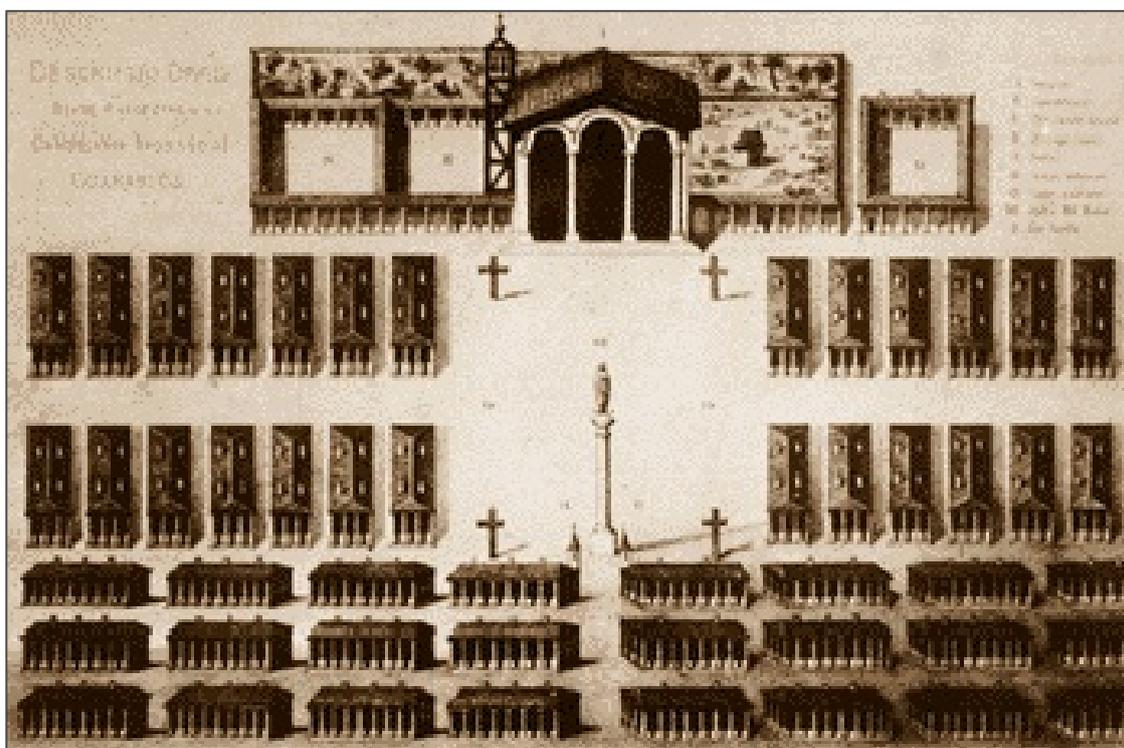


Figura 1: Planta típica de uma missão jesuítica.
Fonte: Instituto do Ceará.

Todo esse processo de aculturação alterou o modo de vida do povo nativo

de várias formas: a mudança da oca para casa de taipa, provocando a fragmentação da tribo em unidades familiares; a troca do trabalho sem rigor e somente quando necessário, pelo trabalho disciplinado, visando o máximo de produção.

No início do século XVII, os aldeamentos foram interiorizados, minimizando o grande deslocamento dos indígenas e o contato destes com a violência e doenças do homem branco. Com a interiorização dos aldeamentos, o processo de povoamento sofreu uma aceleração, o que provocou a transformação dos aldeamentos em vilas, e depois, em cidades, fortalecendo o estabelecimento da língua portuguesa como dominante e o catolicismo como religião oficial, em detrimento da identidade religiosa e cultural dos indígenas.

Além dos jesuítas, outras ordens religiosas se estabeleceram no Brasil. De acordo com Figueiredo:

Os Carmelitas chegaram ao Brasil em 1580 e se estabeleceram em Olinda, se difundiram também para outras regiões.⁸ Além dos Carmelitas, vieram também os Beneditinos em 1581. Os Franciscanos, que celebraram a primeira missa, fundaram o seu primeiro convento muitos anos depois em 1584, em Olinda. Nesta mesma cidade, também chegaram os Carmelitas descalços em 1615 e instalaram também um convento. Em 1640, foi a vez dos Mercedários chegarem ao Brasil e se estabeleceram no Pará, depois se estendendo também para o Maranhão em 1664. As congregações femininas começam a surgir em 1669, com a chegada das Clarissas à Bahia. (FIGUEIREDO, 2015 p. 19).

As ordens religiosas, de acordo com o recorte acima, se estabeleceram em boa parte do país, com uma área de abrangência de Norte a Sul, catequizando e educando, e entre todas as ações das ordens, destacamos a ação educacional, cujos resultados, ainda permanecem até os tempos atuais.

Todas as ordens tiveram uma importante atuação no campo da educação no Brasil colonial, em especial a jesuítica, pois tinha o apoio e proteção da Coroa Portuguesa. Nesse contexto, Saviani diz que:

A primeira fase da educação jesuítica foi marcada pelo plano de instrução elaborado por Nóbrega. O plano iniciava-se com o aprendizado do português (para os indígenas); prosseguia com

⁸ Carmelitanos no Brasil: Salvador da Bahia (1586), Rio de Janeiro (1590), São Paulo (1594), Paraíba (1606), São Cristóvão (1607), Angra dos Reis (1608), São Luís (1616), Belém do Pará (1624), Mogi das Cruzes (1629), Gurupá (1639), Alcântara (1647), Recife (1654), Goiana (1666), Rio Real (1680), Vitória (1680), Cabo de Santo Agostinho (1687) e Cachoeira em 1688. (cfr. C. m. Luigi Mezzadri, *Storia della Chiesa tra medioevo ed Epoca Moderna*, II. p. 320).

a doutrina cristã, a escola de ler e escrever e, opcionalmente, canto orfeônico e música instrumental; e culminava, de um lado, com o aprendizado profissional e agrícola e, de outro lado, com a gramática latina para aqueles que se destinavam à realização de estudos superiores na Europa (Universidade de Coimbra). (SAVIANI, 2008, p. 43).

O plano era básico, específico no atendimento das preocupações e realidade da colônia. Contudo, a ideia jesuítica seria bem mais audaciosa, cujo plano seria a abertura de colégios em lugares estratégicos, que servissem de base, ao longo da costa, compreendendo o litoral da Bahia ao norte e São Vicente ao sul, para depois agir no interior.

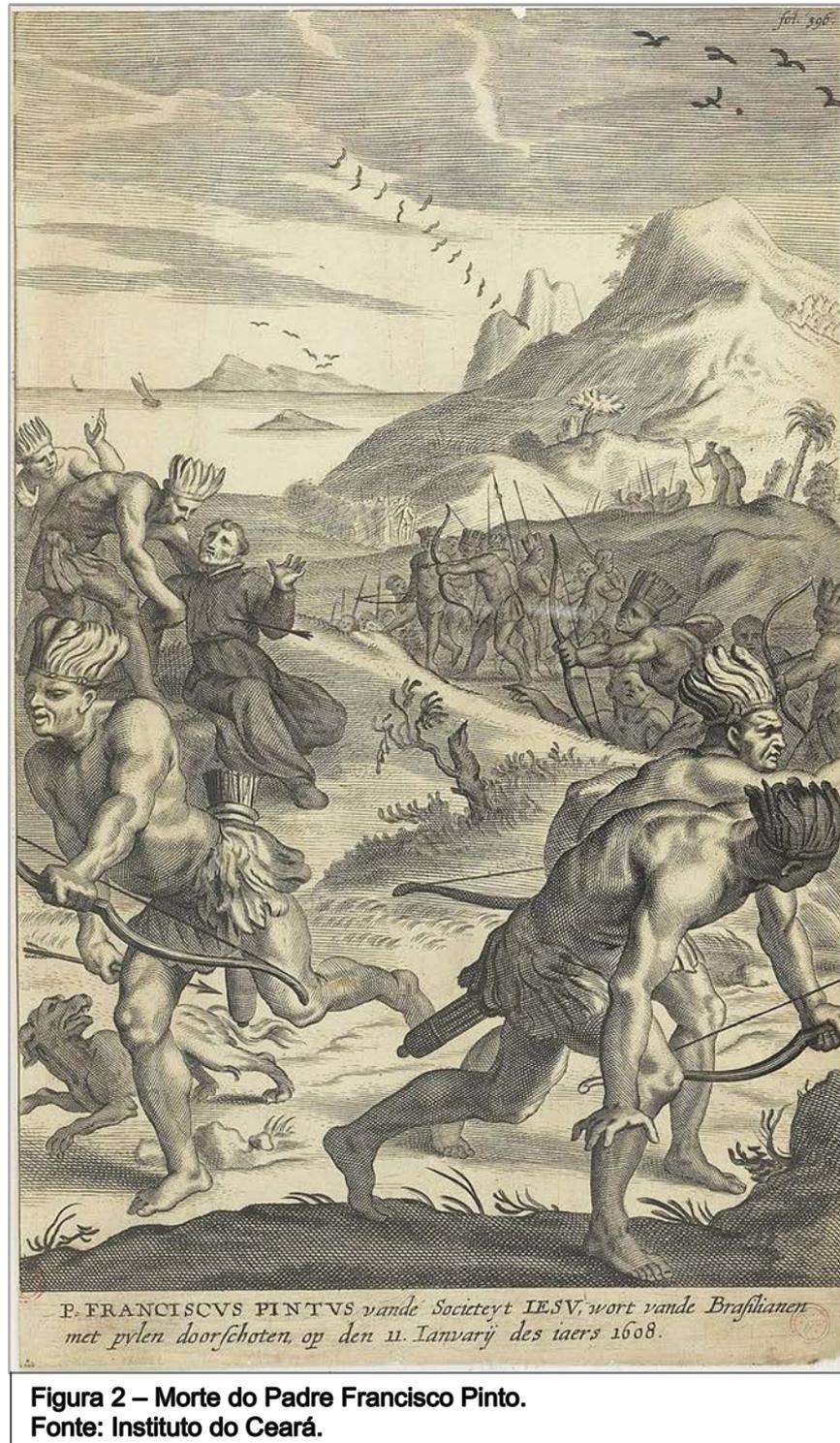
Durante as invasões holandesas no Brasil, um grupo de neerlandeses (povo originário dos Países Baixos) permaneceu aqui entre os anos de 1624 até a sua expulsão do nordeste brasileiro, em 1654, e de acordo com Maia, sabe-se que:

Após a Restauração pernambucana, com a vitória sobre os holandeses (1630-1654), na região depois conhecida como Nordeste, as frentes pastoris *pari passu* com as missões religiosas adentraram os mais recônditos espaços do interior colonial, abrangendo os sertões de Jacobina, do Kiriri e do rio São Francisco. (MAIA, 2013, P. 8).

A expulsão dos neerlandeses possibilitou a entrada de outros povos, como os portugueses, italianos e brasileiros, para a exploração com a colaboração das missões religiosas em terras do Siará Grande.

Em meados do Século XVII, a ordem dos jesuítas chegou ao Ceará com o mesmo objetivo de quando chegou ao Brasil, catequizar os nativos. Nesse período, o governo concedeu uma légua de terra para a criação dos aldeamentos. Nesse contexto, a companhia dos jesuítas criaria na serra da Ibiapaba, em meados do século XVI, o aldeamento de Nossa Senhora de Assunção da Ibiapaba, onde os padres Francisco Pinto e Luís Filgueiras, em 1607, organizaram com 60 índios uma trágica expedição ao Maranhão. Inicialmente chegaram a aldeia de Nossa Senhora de Assunção na Cuesta da Ibiapaba (atual Ceará), e dali seguiram à aldeia de Jurupariçu, onde receberam notícias sobre a presença de franceses e índios hostis. Dali partiram para o Maranhão, mas foram atacados por índios, instigados pelos franceses. O padre Francisco Pinto foi morto pelos indígenas em 10 de janeiro de 1608; Luís Figueira conseguiu escapar e foi depois resgatado por outro jesuíta, Gaspar de Samperes, regressando a Pernambuco. Estes fatos são bem

conhecidos pela “Relação do Maranhão”, escrita por Luís de Figueira em 1609, na qual são descritos em detalhe as peripécias da viagem.



De acordo com Maia (2013), no século XVIII, os missionários da ordem dos jesuítas não se limitaram à aldeia de Ibiapaba, mas, se estenderam até aos índios paiacus, grupo indígena também conhecido como tapuias, na região

compreendida entre o baixo Jaguaribe no Ceará e a Chapada do Apodi no Rio Grande do Norte.

Nesse contexto, Figueiredo (2015), argumenta que as vilas do Ceará surgiram a partir de um mandato do governador de Pernambuco, Caetano de Melo e Castro, de criar uma vila no Ceará visando estruturar e organizar o território. O processo se iniciou com Aquiraz e Fortaleza e se estendeu para Icó e Aracati. Ainda segundo o autor, a origem da cidade do Crato foi “[...] fruto da antiga Missão do Miranda realizada pelos frades capuchinhos, sob direção de Frei Carlos Maria de Ferrara, no século XVIII, foi criada Vila em 1764, e em 1853 foi elevada a cidade”. (Figueiredo, 2015; p. 13).

Reforçando a citação acima, a Missão do Miranda foi fruto do aldeamento dos índios cariris por um padre secular e um frade capuchinho chamado Carlos Maria de Ferrara, o organizador do maior aldeamento silvícola na região. Este prosperou devido às boas condições geográficas da região que possibilitavam uma enorme variedade de culturas, entre elas, mandioca, cana-de-açúcar e cereais.

Foram estas condições que fizeram o aldeamento ser elevado à povoação de Miranda e, posteriormente em Vila, passando a ser chamada de Vila Real do Crato, e como já dissemos, tornando-se cidade em 1853.

2.2 A História do processo de romanização da Igreja Católica no Ceará

A expansão do Império português às Américas e como consequência a ocupação do Brasil, enquanto território lusitano, ocorreria apoiada pela Igreja Católica, mesmo antes da denominada descoberta do Brasil, a partir do Tratado de Tordesilhas. A Igreja Católica via nestas novas terras, a possibilidade de ampliar o seu domínio, estabelecendo com Portugal tratados com este fim. Assim, ela, Igreja Católica, poderia, de certa forma, usufruir das riquezas que provavelmente seriam descobertas, minimizando as perdas sofridas no continente europeu, devido às reformas protestantes. Este processo expansionista da Igreja Católica era apoiado pela Contrarreforma, visando mudanças estruturantes, na esfera espiritual, administrativa, e por conseguinte, criação de novas congregações que viabilizariam a expansão católica no continente americano, como a Companhia de Jesus.

Dessa forma, no contexto da Contrarreforma ou Reforma Católica⁹ foi criada, em 1534, a Companhia de Jesus, por Inácio de Loyola¹⁰, cujo objetivo principal era a missão de evangelizar e educar. O trabalho missionário e educacional, em especial nas “novas terras descobertas” ficaria a cargo de seus membros, chamados jesuítas, totalmente obedientes à doutrina da Santa Sé.

Em resposta à Reforma Protestante¹¹, a Companhia de Jesus considerada uma arma poderosa da Contrarreforma, intensificou a sua expansão, iniciando as missões, a partir de Espanha e Portugal. Em relação a Portugal, no reinado de D. João III, as missões destinaram-se ao Oriente (Ceilão, China e Japão), para depois penetrarem na África (Reino do Congo, Marrocos e Etiópia).

A expansão eclesial no Brasil, por parte dos jesuítas, liderados por Manuel da Nóbrega, ocorreria no governo-geral de Tomé de Sousa, em 1549, na Bahia, com a fundação da Província Brasileira da Companhia de Jesus e, posteriormente, com a criação de colégios e seminários.

Como já nos referimos, essa penetração territorial, por parte dos Jesuítas no Brasil, tornou-se possível, por conta da relação da Coroa Portuguesa com a Santa Sé, numa reciprocidade de interesses. Por um lado, a Coroa se beneficiava com o trabalho de catequese sobre os índios, ganhando facilidade na conquista territorial, e, por outro lado, a Igreja fortalecia o seu monopólio religioso.

Esse pacto entre Portugal e a Santa Sé coincide com o início da expansão marítima portuguesa, por volta de 1400, e tornou-se tratado oficial, em 1514, no papado de Leão X. Esse pacto, conhecido como Padroado Português, atribuía poderes ao rei português de organizar e financiar as atividades religiosas em seus domínios, tais como: a construção de igrejas; a nomeação de padres e bispos.

Nesse sentido, de acordo com Soares (2014), o Regime do Padroado tem como definição a forma de como a coroa portuguesa exercia a função de proteger a Igreja Católica, cuja instituição exercia a religião oficial, isto é, essa situação

⁹ Contrarreforma, também conhecida por Reforma Católica, é o nome dado ao movimento que surgiu no seio da Igreja Católica e que, segundo alguns autores, teria sido uma resposta à Reforma Protestante iniciada com Lutero, a partir de 1517.

¹⁰ Inácio de Loyola ou Loiola (1491-1556) nasceu Azpeitia, município Espanhol. Foi o fundador da Companhia de Jesus, cujos membros são conhecidos como os jesuítas, uma ordem religiosa católica romana, que teve grande importância na Reforma Católica. Atualmente a Companhia de Jesus é a maior ordem religiosa católica no mundo.

¹¹ Reforma Protestante foi um movimento reformista cristão iniciado por Martinho Lutero, através da publicação de suas 95 teses, em 1517 na Alemanha. O movimento se estendeu pela Suíça (João Calvino), França, Países Baixos, Reino Unido, Escandinávia e algumas partes do Leste Europeu.

mostrava que na prática, a direção da atividade religiosa não estava, apenas, nas mãos da Igreja, mas também, do Estado, com poucos incidentes, esta era uma relação tranquila, onde a Igreja no Brasil se colaborava com o projeto colonizador lusitano.

A partir do século XVIII, as ideias iluministas e anticristãs, entraram em conflito com o discurso da Igreja e com a ação evangelizadora de sua mais importante congregação, à época, a Companhia de Jesus. Aliás, a perseguição ao Cristianismo remonta aos tempos da Igreja Primitiva frente à recusa dos cristãos em aceitar os deuses romanos e ao imperador como ser divino. Mesmo depois do Édito de Milão, que dava fim a perseguição, promulgada, no século IV, por Constantino I, vê-se em Santo Agostinho¹² que:

Apesar da paz e proteção concedidas pelos imperadores, desde Constantino, o cristianismo vê-se a braços com outros inimigos, além do paganismo agonizante. Não eram só as seitas pseudocristãs, como o Maniqueísmo; eram ainda os cismas dissolventes da unidade católica, como os Donatistas, eram a magia e a astrologia, cultivadas por homens da categoria de Apuleio, o célebre autor do Asno de Ouro, e pelo imperador Juliano. (SANTO AGOSTINHO, 1996, p. 24).

Como assinala o excerto, os embates entre a Igreja e outras correntes antagônicas são históricos. Em Portugal, a supressão à Companhia de Jesus aconteceu no reinado de D. José I, com a retirada dos padres jesuítas da direção da Universidade de Coimbra e, em seguida, com a expulsão da Companhia de Jesus do Brasil, em 1759, comandada pelo primeiro-ministro português, Marquês de Pombal. Este requeria a intervenção do Estado nas questões religiosas com intuito de diminuir o poder papal, para tanto, iniciaria um processo de ações contrárias aos interesses da Igreja Católica.

Quando da sua expulsão, a Companhia de Jesus era considerada o maior instrumento evangelizador do padroado. Após a aprovação do alvará de 1759, tais medidas se estenderam ao Brasil com a expulsão dos jesuítas e deram início ao processo de implantação das reformas pombalinas na colônia, Nesse contexto, o seminário de Mariana, a mais antiga instituição de ensino de Minas Gerais, fundada em 1750, após um início administrativo, sob responsabilidade dos jesuítas, passou a

¹² Agostinho de Hipona, mais conhecido como Santo Agostinho. Nasceu em 354 no município de Tagaste na África romana e foi um dos mais expressivos teólogos e filósofos dos primeiros anos do cristianismo. Suas principais obras são: A Cidade de Deus e Confissões.

adotar as normas das reformas pombalinas estabelecidas em 1759 e em 1772. (SAVIANI, 2008).

Nesse contexto, dando continuidade a organização da estrutura territorial da Igreja Católica, na colônia, associada com a ideia de aprimorar a formação de seus clérigos, seria criada em Mariana sob a égide e orientação da Reforma Católica, a sexta diocese do Brasil, vindo depois do bispado da Bahia (1555), do Rio de Janeiro (1676), Olinda (1676), Maranhão (1677) e Pará (1719). Segundo Saviani: “Dando cumprimento à ordem papal de Bento XIV, emitida em 1745, o bispo de Mariana, Dom Frei Manuel da Cruz, fundou, em 1750, o Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, que ficou conhecido como “Seminário de Mariana””. (Ibid., p. 108). O seminário de Mariana foi desmembrado em Seminário Menor, chamado de Nossa Senhora da Boa Morte e Seminário Menor, chamado de São José.



Figura 3: O Seminário de Mariana existe desde 1750.

Fonte: <http://viagem.uol.com.br/guia/brasil/mariana/atracoes/seminario-maior-sao-jose/>. 2016.

Posteriormente, em 1676, seria criada a diocese de Olinda, ou seja, 124 anos antes do seminário, divergindo do que ocorreria com a diocese do Crato, que foi criada depois do seminário. O Seminário de Olinda foi fundado sob a influência das reformas pombalinas e das ideias iluministas. A sua fundação se deu em 16 de fevereiro de 1800, por Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, e firmou-se como uma das melhores escolas secundárias do Brasil.



Figura 4 – O Seminário de Olinda.

Fonte: <http://www.arquidioceseolindarecife.org/2015/06/igreja-e-seminario-de-olinda-comecam-a-ser-desocupados-nesta-sexta-feira/>

De acordo com o site da Arquidiocese de Olinda, o conjunto arquitetônico que compreende o seminário e a Igreja de Nossa Senhora da Graça surgiu, a partir de 1535, com a fundação da capela Nossa Senhora da Graça e posteriormente, o colégio com os jesuítas. Depois da expulsão da Companhia de Jesus do Brasil em 1760, o colégio foi abandonado, posteriormente, seria transformado em seminário, pelo bispo de Olinda Dom Azeredo Coutinho, no início do século XIX.

Nesse contexto, segundo Castelo:

A geração educada no Seminário de Olinda esclarece o notável Fernando de Azevedo, tornou-se o foco de irradiação das ideias liberais, foi a brigada de choque da nova ordem europeia no Brasil, e tal influência exerceu no preparo e na direção da revolução pernambucana de 1817 que esta se pode considerar estreitamente ligada, pelas suas raízes, àquele instituto, devido à difusão das ideias liberais. (CASTELO, 1964, p. 57).

No cenário brasileiro do final do século XIX, as ideias reformadoras, advindas dos liberais, positivistas e ultramontanos, culminaram com a Proclamação da República e o fim do regime do padroado, provocando a perda da hegemonia religiosa da Igreja Católica e de sua influência política e condição econômica.

O ponto em comum dessas correntes, a saber: o liberalismo, o positivismo¹³ e o ultramontanismo¹⁴, era a questão da separação entre a Igreja e Estado. Nesse contexto, a busca por novos conhecimentos estavam para a construção do homem, dentro de um referencial científico, acarretando uma dessacralização do mundo, contribuindo para o processo de laicização. Os processos de laicização e separação Igreja-Estado avançavam conforme se generalizava o declínio institucional e político da Igreja. (MARTINS, 2008).

Essas correntes tinham um ponto em comum, mas os meios e pensamentos para alcançar o fim, eram diferentes. “O liberalismo político considera a vontade individual como fundamento das relações sociais, defendendo, portanto as liberdades individuais – liberdade de pensamento e de opinião, liberdade de culto etc.” (JAPIASSÚ: 1996 p. 163).

Nessa lógica, o liberal Rui Barbosa¹⁵, era contra a religião oficial e via a questão como política, e como tal, para ser resolvida, exigia reformas constitucionais objetivando o desenvolvimento intelectual, científico, industrial e econômico do país. E foi, exatamente, pelas mãos de Rui Barbosa, através de decreto, de sua autoria, publicado em 1890, que se oficializaria a separação entre Igreja e Estado.

Para Bobbio¹⁶ (2000), a história do Estado liberal corresponde com o fim do Estado confessional e formação do Estado Neutro ou agnóstico referente a crenças religiosas dos cidadãos, e também marca a ascensão da sociedade mercantil burguesa. Ainda segundo o autor, “o Estado liberal é justificado como o resultado de um acordo entre indivíduos inicialmente livres que convencionam estabelecer os vínculos estritamente necessários a uma convivência pacífica e duradoura”. (p. 14).

O liberalismo sustenta dois princípios políticos importantes: a liberdade individual e a igualdade. São princípios que fortalecem os liberais a defenderem a propriedade privada, o livre comércio, a liberdade de imprensa e de religião, os direitos civis e eleições democráticas. Nesse sentido, John Locke, considerado um

¹³ Positivismo é um sistema filosófico que surgiu na França no começo do século XIX formulado por Augusto Comte, tendo como núcleo sua teoria dos três estados, segundo a qual o espírito humano, ou seja, a sociedade, a cultura, passa por três etapas: a teológica, a metafísica e a positiva. (dicionário básico de filosofia).

¹⁴ Ultramontanismo é uma doutrina política católica que surgiu na França, na primeira metade do século XIX, que busca em Roma a sua principal referência. Defende o poder e as prerrogativas do papa em matéria de disciplina e fé.

¹⁵ Rui Barbosa de Oliveira nasceu em Salvador/BA, em 1849. Foi jurista, político, diplomata, escritor, filólogo, tradutor e orador.

¹⁶ Norberto Bobbio (1909-2004) foi um filósofo político, historiador, escritor e senador vitalício italiano.

dos pais do liberalismo moderno, diz no capítulo II do Segundo Tratado sobre o Governo, partindo do estado de natureza descrito como um estado de perfeita liberdade e igualdade, governado por uma lei da natureza que: “Ensina a todos os homens, desde que desejem consultá-la, que, sendo todos iguais e independentes, ninguém deve provocar danos aos demais no que se refere à vida, à saúde, à liberdade ou às posses”. (LOCKE¹⁷: 1980 p. 231 citado por BOBBIO, 2000).

O Estado liberal surge a partir do desgaste progressivo do poder absoluto e de rupturas revolucionárias. Nesse sentido, a respeito da Revolução Francesa, Comte (2000), assinala que a Revolução foi necessária, pois, as antigas instituições sociais e políticas eram teológicas e não correspondiam ao estado de desenvolvimento das ciências da época. Nessa perspectiva, o liberalismo cresceu com a luta contra a antiga ordem, durante a Revolução, norteando o rumo do desenvolvimento da história humana.

Para os positivistas, o passo primordial a ser dado seria a reforma da educação, tirando o ensino das mãos da Igreja e passando-o para o Estado. Para os positivistas, o catolicismo era como o antigo passado e o positivismo representava o presente e o futuro.

O positivismo surgiu no início do século XIX, na França, e tornou-se uma das linhas características do pensamento desenvolvido na Europa. Seu principal idealizador foi Auguste Comte, cujo pensamento positivista, apontava o conhecimento científico como o único caminho para alcançar a verdade.

Em meados do século XIX, surgiram as primeiras expressões positivistas no Brasil, através de uma tese de doutoramento em Ciências Físicas e Naturais de Manuel Joaquim Pereira, na Escola Militar do Rio de Janeiro, e em outras manifestações de filósofos positivistas, onde apontavam a filosofia positivista como capaz de substituir a tutela intelectual exercida pela Igreja Católica. A influência positivista sobre os intelectuais brasileiros se intensificou no final do século, e serviu de base na formulação ideológica de ordem e progresso no movimento republicano. Nesse sentido, em Comte¹⁸ (1978), o progresso provém da ordem e aperfeiçoa os elementos permanentes de qualquer sociedade, como a religião, a família e as propriedades.

¹⁷ John Locke. Two Treatises of Government (1690), II, 6 (trad. It. L. Pareyson (org.), Turim, Utet, 3ª. Ed. 1980, p. 231).

¹⁸ Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857) foi um filósofo francês, fundador da Sociologia e do Positivismo e criador da filosofia positiva.

Para os ultramontanos, a ideia era diminuir o poder do Estado quanto às questões da Igreja e da sua interferência na vida espiritual da população, sem necessariamente haver uma separação total. Para eles, a questão para ser resolvida teria que ser dentro dos preceitos da universalidade e infalibilidade¹⁹ da Igreja, ou seja, a partir do dogma da infalibilidade declarada na Constituição Dogmática *Pastor Aeternus*, sobre o primado e infalibilidade do Papa, promulgada pelo Concílio Vaticano I, em 1870, pelo Papa Pio IX.

Diante desse panorama de conflito sociopolítico envolvendo os novos pensamentos, principalmente de liberais e positivistas com a Igreja, Martins argumenta que:

A Igreja Católica se torna alvo dos debates na medida em que ela passava a ser vista como um impedimento da liberdade de consciência. Para os positivistas a liberdade de consciência é impedida a partir do momento em que não há separação dos dois poderes, o temporal do espiritual. Para os liberais a liberdade de consciência é impedida a partir do momento em que não há reforma constitucional, a qual reflete a situação da liberdade do indivíduo. (MARTINS, 2008, p. 71).

Somado a esse revés, ou seja, além das ideias reformadoras contrárias às ideias da Igreja, esta, ainda sofria ameaças com o crescimento do protestantismo e do espiritismo, assim como, do crescimento do catolicismo popular.

A partir das baixas que a Igreja sofria com a separação do Estado, a Santa Sé iniciou um projeto de restauração com a romanização. Entre as ordens advindas de Roma, estavam: a criação de dioceses; orientações e padrões de organização eclesial junto às práticas religiosas, direcionadas aos fieis. Estas medidas eram de suma importância para manter fortalecido o poder da fé católica.

O termo romanização se caracteriza pela transmissão e adaptação dos ideais romanos, ou seja, o efeito de romanizar. O conceito “Romanização”, criado por Theodor Mommsen²⁰ no século XIX, visa a reprodução da cultura romana aos povos anexados ao domínio romano. Ela foi iniciada de cima para baixo, isto é, das classes superiores que primeiro se adaptavam, para em seguida disseminarem a

¹⁹ A infalibilidade papal é um dos dogmas da Igreja Católica. A teologia católica afirma que o papa, em comunhão com o Sagrado Magistério, quando delibera e define solenemente algo em matéria de fé ou moral, está sempre correto.

²⁰ Christian Matthias Theodor Mommsen (1817-1903) foi um historiador alemão. É considerado um dos maiores especialistas em história da Antiguidade Latina de todos os tempos, e muitos dos seus escritos e compilações de documentos ainda hoje conservam uma importância capital.

cultura romana a todas as regiões e a seus camponeses mais afastados, com intuito de adestra-los às práticas e conceitos romanos em interesses próprios.

Esse processo foi apropriado pela Santa Sé, cujas orientações da Cúria Romana procuravam conduzir, propagar e controlar seus conceitos, se caracterizando num processo unilateral, de cima para baixo, isto é, a Igreja lança as regras, e estas são cumpridas por seus seguidores.

No Brasil, o segundo reinado, e principalmente, o início do período republicano, foi um período marcado por um processo de reorganização da Igreja Católica no país, gerado pelos conflitos de interesses entre setores da sociedade que pregavam a laicização, em todas as esferas e aqueles, que defendiam os interesses da Santa Sé. Este conflito de interesses tornar-se-ia mais evidente com a Proclamação da República e provocaria com a nova carta magna republicana, promulgada em 1891, o fim do Padroado e uma nova ação administrativa da Igreja, em território brasileiro. Segundo Vasconcelos Júnior²¹, o padroado foi,

[...] durante o colonialismo, o consenso mais visível da relação entre o poder temporal e o eclesiástico para a formação de um projeto colonizador da monarquia portuguesa e o projeto missionário da Igreja Católica no Novo Mundo. Por conta do Padroado cabia ao Rei de Portugal recolher os dízimos, apresentar os postulantes aos cargos eclesiásticos e prover as condições para o culto, ao mesmo tempo em que, enquanto rei, conservar o direito de propor a criação de novos bispados e seus titulares. Com a Independência do país, o mesmo direito foi colocado nas mãos do Imperador brasileiro pelo Papa. (VASCONCELOS JÚNIOR, 2006, p. 114).

Com o fim do padroado, e conseqüentemente, a separação entre a Igreja Católica e o Estado, o comando da Igreja em Roma, para se adequar à nova realidade, deu início a um projeto restaurador denominado de Romanização²², cujo objetivo consistia em manter o poder da fé católica através de criação de novas dioceses em todo território nacional e a padronização das ações eclesiais, segundo os preceitos da Santa Sé, para todas as dioceses, paróquias e clérigos.

Nesse sentido, o mesmo ocorreria no restante da América Latina, após a

²¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará, Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professor Associado da Universidade Estadual do Ceará, Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará.

²² O antropólogo Roger Bastide chamou de romanização – o processo de tornar a Igreja Católica da América Latina cada vez mais administrada por Roma, principalmente após o Concílio do Vaticano I em 1870, que procurou traçar o caminho a ser seguido pela Igreja no mundo dos ideais liberalizantes. PARENTE, Francisco José Camelo. A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses. Fortaleza: Edições UFC/Edições UVA, 2000, pág. 78.

independência das colônias espanholas, a nova estrutura política veio a limitar o poder da Igreja. Dessa forma, A Igreja Católica para se adequar à nova situação, responderia com o Concílio Plenário Latino-americano²³, que criaria uma série de diretrizes para fazer frente a esta nova realidade.

No entanto, não foi fácil realizar a reunião, porém uma grande preparação e uma contínua preocupação em estimular os bispos latino-americanos em resolver os problemas, conscientes dos muitos motivos que tinham para trabalhar, agora, mais que nunca, como uma unidade – a mesma origem, a mesma fé, os mesmos costumes. (PICCARDO²⁴, 2012, tradução nossa).

Depois de analisadas as considerações de Roma, especialmente acerca do local, a reunião foi realizada em Roma, segundo a preferência da maioria, pois era mais fácil o deslocamento para Roma, que outra cidade da América, com grandes distâncias e imperfeição das vias de comunicação.

Diante disso, por meio de carta apostólica, em 1898, o Papa Leão XIII convocaria o Concílio Plenário da América Latina, que durou quarenta e três dias, em Roma, no ano de 1899, visando maior integração e organização colegial entre o episcopado latino-americano. De acordo com Silva²⁵:

Era a primeira vez que se reunia num concílio particular o episcopado de toda a América Latina. O Concílio Plenário marcou uma nova fase da Igreja Latino-americana, pois ela podia sair então de seu isolamento devido às várias circunstâncias, e substitui-lo por uma coesão do episcopado. (SILVA, 2008, p. 110).

Foi assim, que entre os dias 28 de maio e 09 de julho, 53 participantes, incluindo o episcopado brasileiro, com dois arcebispos e onze bispos, discutiriam a respeito de como seriam os decretos do concílio. As ações preliminares seriam: eleger presidente e secretariado; formar comissões; escolher os temas; e regulamentos do concílio.

O Concílio Plenário tinha duas questões preocupantes e um grande

²³ Concílio, na concepção católica, é o mesmo que reunião ou assembleia de religiosos (bispos) para tratar de assuntos específicos. Os concílios plenários tratam de assuntos ligados às dioceses da mesma conferência episcopal.

²⁴ Diego Piccardo é sacerdote da Prelazia do Opus Dei (Argentina). Especialista em História da Igreja e doutor em Teologia pela Universidade de Navarra (Espanha).

²⁵ Francino Oliveira Silva possui Graduação em História e Graduação em Filosofia, Especialização em História do Brasil e Especialização em Linguística aplicada ao ensino de Português, Mestrado em História Eclesiástica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Itália (1995) e Doutorado em História Eclesiástica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Itália (2004).

desafio. A primeira questão era com ficaria, a partir da quebra do padroado em seus países, a sua relação da Igreja Católica com o Estado, e a segunda era caseira – a vida interna da Igreja – e o desafio era dar continuidade a catolicização de países como o Brasil por causa da secularização estabelecida com a República.

Além das questões externas, a situação exigia uma reforma interna, onde o Concílio Plenário apresentasse essas preocupações e objetivos para as novas ações, através dos decretos de acordo com o esquema:

- I – Fé e Igreja
- II – Dos impedimentos e perigos da Fé
- III – As pessoas eclesiásticas
- IV – O culto divino
- V – Os sacramentos
- VI – Os sacramentais
- VII – A formação do clero
- VIII – A vida e a honestidade dos clérigos
- IX – A educação católica da juventude
- X – A doutrina cristã
- XI – O zelo das almas e a caridade cristã
- XII – O modo de conferir os benefícios eclesiásticos
- XIII – O direito da Igreja de aquisição e posse de bens temporais
- XIV – As coisas sagradas
- XV – Os juizes eclesiásticos
- XVI – A promoção e execução dos decretos do Concílio

A partir de então, as ações episcopais se multiplicam. Depois do Concílio Plenário, os bispos começaram a estudar conjuntamente, os problemas gerais e, conseqüentemente, a atuar com muito mais força e ordem. A resposta desse trabalho, em conjunto, veio com os vários sínodos, concílios locais e conferências episcopais. No Brasil aconteceram sínodos diocesanos em Diamantina (1903 e 1913), Mariana (1903), Olinda (1908) e Florianópolis (1910).

Após a Primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Rio de Janeiro, 1955), seriam criados o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) no mesmo ano, e a Pontifícia Comissão para a América Latina em 1958, pelo Papa Pio XII. A partir do papado de João Paulo II, permaneceu somente a Pontifícia Comissão para a América Latina, com objetivo maior de assistir, inclusive, com

meios econômicos, as igrejas da América Latina.

Foi por conta do primeiro Concílio Plenário que a Igreja da América Latina tomou novo impulso, provocando várias conferências episcopais, favorecendo a romanização. (MARTINS, 2008).

Essa nova percepção de Igreja, centrada em ações, discutidas e aprovadas pelos bispos da região, com o aval da Santa Sé, agora, com a incumbência de criar a sua própria estrutura de poder, viabilizaria uma nova estrutura territorial, propiciando a criação de novas dioceses. Esse processo de criação de novas dioceses contemplava as cidades de maior potencial econômico e localização estratégica.

Em primeiro lugar, boa parte dos estados brasileiros teriam uma arquidiocese e assim, seu arcebispo ao conhecer a realidade social, econômica e política de cada canto de sua jurisdição, escolheria as cidades que deveriam receber uma diocese. No Ceará, a região escolhida, para receber a primeira diocese foi o Cariri, precisamente a cidade do Crato²⁶, escolha justificada pelo potencial social e econômico, e pela existência de uma igreja, a matriz do Crato, podendo ser transformada em Catedral; pelas boas acomodações para o bispo e instalação da cúria; e pela existência de um seminário.

A elevação da diocese do Ceará à categoria de arquidiocese aconteceu em 1914, mesmo ano da criação da Diocese do Crato, através do primeiro Arcebispo Dom Manoel da Silva Gomes, com a autorização de Roma. A diocese em questão seria a primeira diocese sufragânea da Arquidiocese do Ceará, seguida da Diocese de Sobral, na região Norte.

A sede de um bispado no município poderia proporcionar desenvolvimento nos mais variados setores, em especial no setor educacional, na saúde e na cultura, e projetar a região, no campo político. A instalação de uma diocese poderia alavancar os trilhos do progresso econômico da região.

O processo de romanização, que se consolidava com a criação de novas dioceses, foi sempre apoiado pela Igreja Católica no Ceará. A criação da Diocese do Ceará, em 1860, e a nomeação do seu primeiro bispo Dom Luiz Antônio dos Santos já eram reflexos dos “novos tempos” da fé romanizadora no Estado.

²⁶ O Crato é um município brasileiro do interior do estado do Ceará localizado no sopé da Chapada do Araripe no extremo-sul do estado, na Microrregião do Cariri. Em 2013, tinha cerca de 127mil habitantes e está distante da capital Fortaleza, cerca 527 km.

Segundo Della Cava, Em 1854, foi criada por Roma a diocese do Ceará, jurisdição eclesiástica que correspondia aos limites geográficos da província imperial. Em 1861, D. Luís Antônio dos Santos, natural da província do Rio de Janeiro, foi nomeado primeiro bispo do Ceará. (DELLA CAVA, 2014, p. 69-70).



Figura 5 – Dom Luiz Antônio dos Santos, 1º Bispo do Ceará.
Fonte:
<http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/arquidiocese/historia/bispos-anteriores/dom-luis-antonio-dos-santos/>

A primeira medida tomada por Dom Luiz Antonio, como bispo, foi criar o Seminário Episcopal do Ceará e contar com a gerência dos Padres Lazaristas franceses, “por pertencerem a uma Ordem confiável, isto é, virtuosa, obediente,

muito ligada a Roma e estrangeira.”²⁷ Dessa maneira a formação do clero local seria de confiança e de acordo com os preceitos da Santa Sé, além de influenciar a cultura e a elite intelectual cearense. Esta foi de grande importância nos grandes embates políticos e culturais a favor dos ideais católicos.

A trajetória política da Igreja cearense foi não só contrária à postura liberal do Seminário de Olinda, mas para anular seu efeito liberal, no sentido conservador da leitura da Revolução Francesa, em que era priorizada a ordem e a autoridade e não o sentimento de igualdade e liberdade. (PARENTE²⁸, 2000, p. 78).

Foi assim que a Igreja no Ceará, romanizada, priorizou o caráter da formação do seu clero e fiéis, a fim de se defender das ameaças dos novos pensamentos liberais e positivistas, além do crescimento do protestantismo.

A fundação da diocese em terras alencarinhas foi o início da contribuição para a romanização no Ceará. A partir da Província cearense e da criação de sua diocese, a Igreja daria a arrancada do projeto de controle social e religioso para a modificação e organização do catolicismo no Brasil.

De acordo com o site da Arquidiocese de Fortaleza²⁹, a diocese do Ceará foi criada, em 1853, através de decreto expedido pelo Imperador Dom Pedro II, e um ano depois, pela Bula *Pro animarum salute*, expedida pelo Papa Pio IX, mas, somente oficializada, em 1860. A partir daí o Ceará, que era apenas Vigararia Forânea da Diocese de Olinda, se tornaria independente eclesiasticamente.

Com a transformação da diocese do Ceará em arquidiocese, pela bula *Catholicae Religionis Bonum* do Papa Bento XV, se iniciava, a composição territorial da Igreja Católica, com a criação da diocese de Crato em 1914, e da diocese de Sobral em 1915, as duas primeiras dioceses sufragâneas da nova arquidiocese.

Nessa época, os números apontavam na Província do Ceará, seiscentos e cinquenta mil de população, e a diocese contava com trinta e quatro paróquias, um curato, setenta e oito igrejas e onze capelas, onde, quase toda a população era católica, em contraste dos cento e cinquenta protestantes e uma dúzia de judeus.

²⁷ PINHEIRO, Francisco José. O Processo de romanização no Ceará. (in) SOUZA, Simone de (Org.). História do Ceará. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1989, pag. 201.

²⁸ Francisco Josênio Camelo Parente possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestrado em Sociologia pela UFC, doutorado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e aposentado da UFC.

²⁹ <http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/arquidiocese/historia/>



Figura 6 – Antiga Igreja Matriz de Fortaleza, 1932.
Fonte: Arquivo da Arquidiocese de Fortaleza.

O primeiro bispo do Ceará, Dom Luiz Antônio dos Santos, nasceu em Angra dos Reis/RJ, em 1817. Foi ordenado presbítero em 1841, e formou-se em cânones, pela Universidade de Roma. Dom Luiz aos 44 anos estava entre os três únicos religiosos brasileiros a portar o título de doutor em direito canônico por Roma. Nessa época, deixou o reitorado no Seminário de Mariana/MG, para assumir o cargo de primeiro bispo do Ceará, que seria uma missão nada pequena. Esse é o perfil do prelado que assumiu a responsabilidade de restaurar a posição da Igreja no Brasil. (LIRA NETO, 2009).

De acordo com Della Cava, Dom Luiz traçara os objetivos de uma política básica para a nova diocese, cujos objetivos de duas ordens, seriam mais tarde incorporados por outros bispos:

- 1) restaurar o prestígio da Igreja e a ortodoxia da sua fé, e 2) remodelar o clero, tornando-o exemplar e virtuoso, de modo que as práticas e as crenças religiosas do Brasil pudessem ficar de acordo com a fé católica, apostólica e romana de que a Europa se fazia então estandarte. (DELLA CAVA, 2014, p. 70).

Com esses objetivos, Dom Luiz procurava uma Nova Era à luz do catolicismo romano, carregado de rigidez hierárquica, moral e doutrinária no sentido de romanizar a Igreja Católica no Brasil.

À época, as longas distâncias entre a sede episcopal de fortaleza e as paróquias nos municípios interioranos, especialmente no sul do estado, e os milhares de cristãos soltos pelo sertão, somadas a dificuldade de locomoção, deixavam um vácuo entre fiéis e clero, suscitando uma religiosidade espontânea fora dos padrões da Igreja Católica. Segundo Figueiredo,

A deficiência no Sul do Ceará foi atendida somente no início do século XX mediante o fenômeno religioso e político no Juazeiro que denunciava a ausência pastoral diocesana, e de modo particular mediante a necessidade da criação de novas dioceses no Estado para atender o pré-requisito em vista da criação da nova Província Eclesiástica. (FIGUEIREDO, 2015, p. 58).

Nesse Contexto, Dom Luiz já com os propósitos estabelecidos, tinha como escopo a criação de seminários e formação de padres obedientes à fé católica, capazes de enfrentar os desafios externos e internos. Nesse intuito, fundou o Seminário Episcopal do Ceará, antes Seminário da Prainha, em 1864, tornando-se um importante centro de formação do clero, sob os cuidados dos padres lazaristas. Nessa perspectiva, Castelo assinala que:

D. Luís, no intuito de aumentar o clero, pensou em criar mais um seminário, a fim de poder socorrer a todos os seus amados diocesanos. E, visitando Crato, achou conveniente que se fundasse naquela localidade um segundo Seminário menor onde fossem educados cristãmente os jovens daquela região. (CASTELO: 1964, p. 60).

Dez anos depois, Dom Luiz inicia a realização de um desejo antigo com a construção do Seminário do Crato (Seminário São José) em retribuição ao povo cratense, pelo auxílio na construção do Seminário de Fortaleza, pedido em carta³⁰. Nesta, D. Luiz destaca a recomendação do Sacro Concílio Tridentino quanto à utilidade e importância dos seminários na instrução e formação daqueles que darão continuidade na grande obra do Filho de Deus.

³⁰ ANEXO 1- A carta, na íntegra, de Dom Luiz, bispo do Ceará, aos fiéis da Freguesia do Crato, solicitando ajuda na construção da Diocese de Fortaleza.

Para a realização do seu desejo e construção do seminário, Dom Luiz passou a contar com recursos, boa vontade dos cidadãos eminentes do Cariri e boas perspectivas para a instalação do seminário, e contava ainda com a prosperidade da região e o entusiasmo dos comerciantes locais e fazendeiros, com o estabelecimento no Crato de um internato de educação secundária. (DELLA CAVA, 2014).

Em agradecimento ao povo cratense, Dom Luiz Antônio dos Santos, numa visita ao Crato em 1874, retribuiu o favor com a aprovação da construção do Seminário São José, inaugurado em 1875, com as primeiras atividades educacionais ministradas por padres lazaristas.

Essa investida caracterizou a Igreja Católica como partícipe do progresso material, social e agora, espiritual do Crato, a partir da criação do primeiro seminário do interior do Ceará, que funcionou como seminário menor até 1922, quando ascendeu a Seminário Episcopal do Crato (seminário maior). Nesse contexto, o Seminário do Crato passou a ser um empreendimento importante na condução romanizadora do Ceará, devido a sua posição estratégico-geográfica.

Dom Luiz Antônio dos Santos governou a Diocese do Ceará de 1861 a 1881, até a sua transferência para a Bahia, onde faleceu em 1891, e como segundo bispo do Ceará foi indicado Dom Joaquim José Vieira.

Dom Joaquim nasceu em Itapetininga, interior de São Paulo, em 1836, e foi indicado por Decreto Imperial de 1883 e confirmado por Leão XIII no mesmo ano. Foi sagrado em 1883 e empossado em 1884, ano em que chegou a Fortaleza.

Dom Joaquim, como bispo do Ceará, teve como primeira providência, a organização administrativa dos patrimônios da Igreja, que estava desamparada de qualquer providência, para isso, convocou o primeiro Sínodo Diocesano em 1888, com a participação de 84 sacerdotes do clero cearense, que resultou num código de leis eclesásticas, voltado para uma melhor administração da diocese e suas paróquias.

Durante o episcopado de Dom Joaquim ocorreu o suposto milagre em Juazeiro do Norte. A hóstia ministrada à beata Maria de Araújo pelo padre Cícero Romão Batista transformava-se em sangue na boca da religiosa. Segundo relatos, tal fenômeno se repetiu diversas vezes por cerca de dois anos.

A pedido do padre Cícero, o bispo formou uma comissão formada de padres e de profissionais da área de saúde para investigar a procedência dos relatos.

A comissão tinha como presidente o padre Clicério da Costa Lobo e, como secretário, o padre Francisco Ferreira Antero; contava ainda com a participação dos médicos Marcos Rodrigues Madeira e Ildefonso Correia Lima, além do farmacêutico Joaquim Secundo Chaves. Em 13 de outubro de 1891, a comissão encerrou as pesquisas e chegou à conclusão de que não havia explicação natural para os fatos ocorridos.

Insatisfeito, porém, com este parecer, D. Joaquim nomeou uma nova comissão para investigar o caso, tendo como presidente o padre Antônio Alexandrino de Alencar e como secretário o padre Manuel Cândido dos Santos. A segunda comissão concluiu que não houve milagre, mas um embuste. Dom Joaquim se posicionou favorável ao segundo parecer e, com base nele, suspendeu as ordens sacerdotais de padre Cícero e determinou que Maria de Araújo, que viria a morrer em 1914, fosse enclausurada. Sua atitude em relação ao "milagre", no entanto, não foi recebida sem resistência pelos fiéis de Juazeiro do Norte, como ele mesmo confessa em sua carta pastoral de 25 de março de 1894.

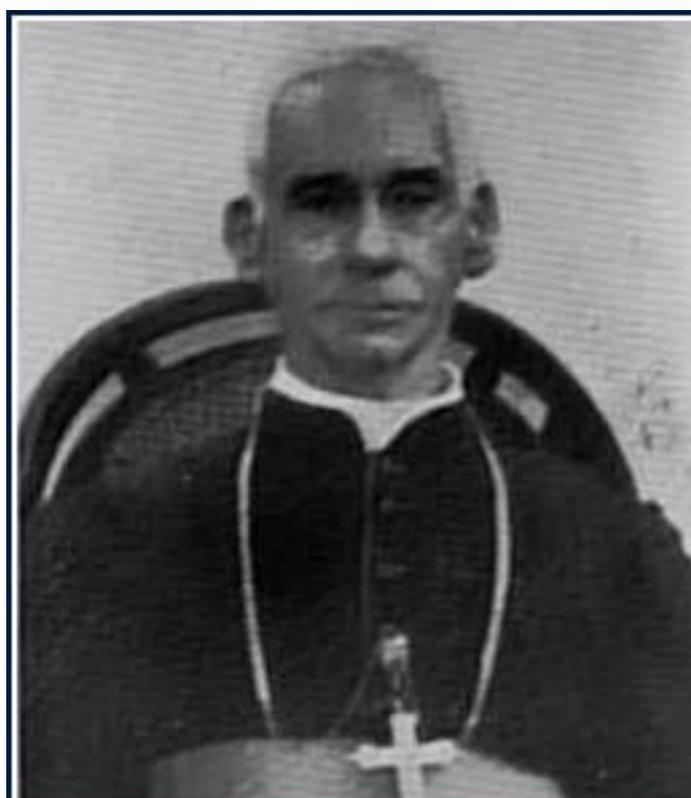


Figura 7 – Dom Joaquim José Vieira – 2º Bispo do Ceará.
Fonte: Arquivo da Arquidiocese de Fortaleza.

Dom Joaquim não deixou de realizar em sua diocese obras de cunho social. O Externato São Vicente de Paulo, exclusivo para meninas, fundado em 8 de dezembro de 1884, e a Escola Jesus, Maria e José, para órfãos, inaugurada em 22 de janeiro de 1905, estabelecimentos estes com sedes próprias e administrados pelas irmãs vicentinas, foram realizações suas.

Idealizou ainda uma Escola de Artes e Ofícios que funcionaria no prédio onde hoje está instalado o Colégio Militar de Fortaleza. Dispondo de verba para seu aparelhamento e contatado os padres salesianos para sua gerência, teve o prédio e o dinheiro confiscados pelo governo.

A Associação das Senhoras de Caridade de Fortaleza foi uma entidade criada durante a seca de 1888, com a finalidade principal de dar assistência às vítimas desta calamidade, igualmente dirigida pelas vicentinas.

Dom Joaquim foi ainda grande colaborador da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, ocupando sua provedoria enquanto esteve no Ceará. Também criou o Externato São Vicente, a Escola Jesus, Maria e José, e o Colégio de Artes e Ofícios em Canindé.

O segundo bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, pediu renúncia em 1912 e retornou para São Paulo, e faleceu em Campinas, interior daquele estado, em 1917. Dom Luiz, como Dom Joaquim, não estiveram à frente da criação da diocese do Crato, embora os preparativos da criação da diocese do Crato tiveram início no episcopado de Dom Joaquim José Vieira. Além da projeção que o Crato detinha para tornar-se sede de uma diocese, havia a intenção de colocar um prelado, fiel ao arcebispo e a santa sé, administrando o território sob influência de Padre Cícero.

No entanto, o terceiro bispo do Ceará, Dom Manoel da Silva Gomes, seria o responsável, pela elevação da diocese de Fortaleza à Arquidiocese, e na criação da diocese do Crato, Sobral e Limoeiro do Norte, além de treze paróquias, incluindo a paróquia de Nossa Senhora do Carmo em Fortaleza.

De acordo com o site da arquidiocese de Fortaleza, Dom Manoel da Silva Gomes nasceu em Salvador-Bahia, em 1874. Foi preconizado bispo auxiliar do Ceará, por Pio X, em 1911, e sagrado no mesmo ano. Chegou ao Ceará em 1912 e assumiu a diocese como bispo residencial e em 1915 foi nomeado primeiro Arcebispo Metropolitano de Fortaleza.

No ano da chegada de Dom Manuel ao Ceará, segundo Figueiredo,

A diocese de Fortaleza era uma das principais dioceses sufragâneas de Olinda, e uma das maiores do Brasil. Em 1912 era a segunda diocese do Brasil em número de batizados, segundo o IBGE, com 47.470 batizados atrás apenas de Salvador com 57.131 batizados. Neste mesmo ano, Fortaleza era a primeira diocese do Brasil em números de casamentos com 9.957 celebrações, seguida da diocese de Salvador com 9.339 celebrações. A diocese de Fortaleza criada em meados do século XIX com 300.000 habitantes, em 1913 já possuía um milhão de habitantes. (FIGUEIREDO, 2015, p. 68).

Dom Manoel chegou ao Ceará para cumprir o que foi planejado e projetado para a criação das novas dioceses no Brasil. Nesse contexto, ainda segundo Figueiredo, o empenho da Igreja, no início do século XX, estava direcionado para a preparação de dioceses espalhadas por todo o país, e cabia aos bispos a elaboração de relatórios e projetos das futuras dioceses, que atendessem os pré-requisitos recomendados pela Igreja.

Foi assim, que Dom Manoel interferiu junto à Santa Sé na criação das dioceses de Crato, Sobral e Limoeiro do Norte, assim como, na elevação da diocese do Ceará à arquidiocese, em 1915.

Com a criação das dioceses do Crato (Sul do Estado), de Sobral (Norte do Estado) e de Limoeiro do Norte (Vale do Jaguaribe), a Igreja visava o domínio territorial, visto que, segundo Corrêa (1989), o espaço da cidade é um lugar onde diversas classes sociais vivem e se reproduzem. Este processo envolve práticas sociais, crenças, valores e mitos, projetados em monumentos e lugares sagrados.

Com esta ação, uma vez que, uma diocese, simbolicamente, representa um monumento, e ao mesmo tempo, um lugar sagrado, a Igreja garante o fortalecimento das condições estruturais para a formação do clero e ações pastorais de forma mais abrangente e eficaz, dentro dos conceitos da Cúria Romana, fortalecendo mais ainda, o processo de romanização no Ceará.

O processo de romanização, efetivamente, fortaleceu a base clerical no Ceará. Atualmente, a abrangência territorial eclesiástica de Fortaleza³¹ conta com oito dioceses sufragâneas, distribuídas no estado do Ceará: Crateús, Crato, Iguatu, Itapipoca, Limoeiro do Norte, Quixadá, Sobral e Tianguá.

³¹ Anexo 3 – Relação de dioceses sufragâneas à arquidiocese de Fortaleza, distribuídas no estado do Ceará.



Figura 8 – Dom Manoel da Silva Gomes – 3º Bispo do Ceará.

Fonte: Arquivo da Arquidiocese de Fortaleza.

A figura 8 mostra o terceiro bispo do Ceará, que, além das valiosas contribuições citadas anteriormente, fundaria o jornal O Nordeste, e criaria o banco popular de Fortaleza. Devido à idade e a problemas de saúde, renunciou ao cargo em 28 de maio de 1941, recebendo o título de arcebispo-titular de Viminácio. Após longa enfermidade que o prendeu ao leito por cinco anos, faleceu no mesmo dia em que completava 76 anos de idade, em 1950, sendo sepultado na Catedral de Fortaleza. Coube a Dom Manoel a primazia na percepção espacial do território cearense que lhe deu a noção de estruturar uma nova forma de administrar os desígnios da Igreja em solo cearense, providenciando um novo domínio do seu território eclesial.

Nesse sentido, o domínio territorial fazia-se necessário, e o ponto crucial desta política de expansão, como já dissertamos, estava voltado à criação das arquidioceses e, de novas dioceses, no mínimo uma em cada Estado. Também era necessário produzir condições apropriadas dos espaços e das estruturas que envolviam as dioceses. Esses passos decisivos para o futuro da Igreja Católica no

início do século XX foram liderados por bispos, padres, congregações religiosas e o laicato católico.

A escolha espacial foi fator importante na avaliação das regiões onde seriam instaladas as futuras dioceses e escolas confessionais. No Ceará, a Igreja deliberou dois pontos decisivos quanto à questão espacial: o primeiro ponto contemplaria a recatolicização do povo nos parâmetros romanos, em detrimento do catolicismo mestiço brasileiro e das ideias místicas de Padre Cícero; e o segundo ponto, o enfrentamento à laicidade do ensino público.

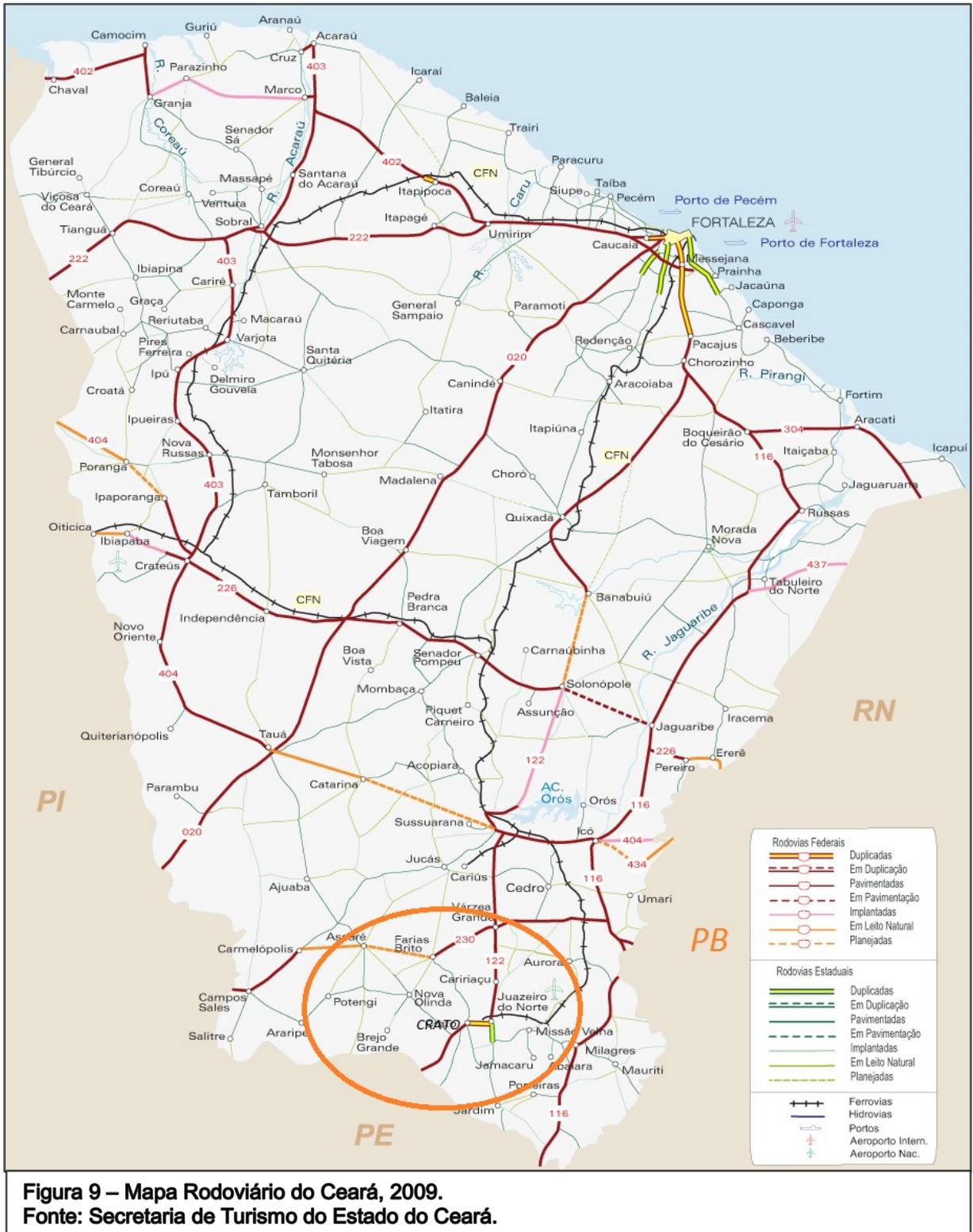
Essas decisões determinariam a escolha da localização da cidade do Crato para a instalação da diocese, especialmente, pela proximidade com Juazeiro do Norte, aquela época distrito do Crato, ponto de difusão das ideias de Padre Cícero; outro ponto de destaque eram os investimentos em escolas confessionais com vistas à formação e consolidação de um “rebanho”, seguidor da Santa Sé.

Segundo Della Cava (2014), a cidade do Crato, no final do século XVIII, era a mais populosa e o centro urbano mais importante do Cariri, recebendo a denominação de Pérola do Cariri. Possuidora de um dos melhores solos da região, a cidade havia se tornado o principal produtor e fornecedor de excedentes de alimentos para o sertão árido; tornando-se, também, o maior centro comercial da região, pois tem divisa com o estado de Pernambuco e forma um entroncamento interligado ao Piauí, Paraíba e a capital do Ceará, Fortaleza. Crato, nessa época era o mais importante centro de distribuição, do interior do estado, de manufaturas europeias.

A figura 6, na próxima página, mostra o mapa do estado do Ceará, e dentro dele a localização da cidade do Crato, que ainda continua uma cidade expressiva para a região, devido a sua comercialização de produtos rurais, a maior exposição anual agropecuária do Norte e Nordeste, a EXPOCRATO e, cidade/sede da primeira universidade da região: a URCA – Universidade Regional do Cariri, ainda hoje, a grande responsável pela formação superior dos professores nas mais variadas áreas.

Aqueles pontos, isto é, a recatolicização do povo nos parâmetros romanos e o enfrentamento à laicidade do ensino público não estavam excluídos do cenário nacional ou mundial, dentro das preocupações que afetavam a Igreja Católica perante as propostas liberalizantes, articuladas para uma condução de uma sociedade modernizada. Por isso a necessidade de restauração e reestruturação da

Igreja perante a nova realidade, como dissemos, em escala global e, também, em escala local, agora, acompanhada mais de perto, por um bispo regional.



Reforçando o que já apresentamos, esse projeto de uma nova Igreja e sua reestruturação, ganhariam força no Concílio Plenário da América Latina, onde

foram deliberadas as diretrizes do catolicismo para o Continente à luz do Concílio do Vaticano I. Como afirma Dallabrida,

As reflexões e determinações desta conferência episcopal foram condensadas no texto oficial intitulado *Decreta Concilii Planari Americae Latinae*, publicado solenemente em 01/01/1900, que se tornou o documento fundante da romanização do catolicismo mestiço da América Latina. O título 9º 'A educação católica da juventude' trata especificamente das escolas primárias, secundárias e universitárias; e, no 2º título, que aborda os impedimentos e perigos da fé, inclui 'as escolas acatólicas e neutras, condenando-as. (DALLABRIDA: 2005, p 79).

Para atuar nesse novo cenário projetado pelos concílios e outros dispositivos da Santa Sé, a Igreja investiu nos caminhos da educação: partindo de antigos e novos seminários; das congregações religiosas, tanto masculinas como femininas, que formariam o alicerce da educação católica no país.

2.3 O Seminário do Crato veio antes da Diocese

O seminário da cidade do Crato veio antes da diocese. O seminário surgiu em 1875 com as primeiras lições ministradas em barracões pelos padres lazaristas³² apoiados por Dom Luiz Antônio dos Santos³³, o primeiro bispo de Fortaleza. Segundo Figueiredo,

Dom Luís nos primeiros anos de seu governo, atendendo à aplicação do decreto Tridentino sobre os seminários, construiu o Seminário de Fortaleza inaugurado em 1864, e dez anos depois foi para o Crato, para dar continuidade à construção de um seminário, extensão daquele inaugurado em Fortaleza. (FIGUEIREDO, 2015, p.49).

Em 1874, o bispo do Ceará ordena a construção do Seminário do Crato, o

³² Lazaristas ou ainda Padres e Irmãos Vicentinos, formam uma sociedade de vida apostólica masculina católica fundada em Paris, no dia 17 de abril de 1625, por São Vicente de Paulo (1581–1660). Composta por padres seculares e leigos consagrados (irmãos), que vivem e trabalham em comunidade e fazem os Votos de Estabilidade, Pobreza, Castidade e Obediência. A sociedade lazarista possui cerca de 4 100 membros, espalhados por diversos países e presentes em missões, seminários, paróquias, colégios e obras diversas de serviço aos pobres. A ordem recebeu aprovação episcopal em 1626. Em 1634, através da bula *Salvatoris Nostri* do Papa Urbano VIII a Congregação teve aprovação pontifícia.

³³ Luiz Antônio dos Santos (1817-1891) nasceu em Angra dos Reis, no Estado do Rio de Janeiro, e ordenado no mesmo estado no Seminário de São José, 1841. Foi o primeiro bispo do Ceará, nomeado em 1861. Foi também professor de matemática e filosofia.

Seminário São José, realizando o seu desejo de fundar um educandário religioso no Crato, cuja localidade se apresentava estratégica entre vários estados do Nordeste.

Nesse contexto, o seminário atenderia uma demanda educacional para a população da região sul do Ceará, em especial, os jovens, e não somente ao povo cratense, mas, também, à população dos estados vizinhos, por ser a primeira instituição de ensino religioso e superior do interior do Nordeste.

O próprio Dom Luiz muda-se para o Crato, por um tempo, para seguir de perto a construção do seminário, cujo flanco foi usado para uma provisória capelinha de taipa coberta de palha e levantamento de alguns barracões, também feitos de taipa e palha, cujo espaço foi denominado de Seminarinho, até a conclusão do seminário permanente. A parte Sul do Seminário foi inaugurada em Julho de 1875, e um tempo depois, a parte Norte foi concluída, assim como, a capela ao centro, passando, dessa forma, a funcionar oficialmente tendo como o seu primeiro reitor o lazarista, Padre Enrile³⁴. (FIGUEIREDO, 2015).



**Figura 10 – Foto atual do Seminário do Crato, localizado no bairro Seminário, na cidade do Crato, na região do Cariri, Ceará.
Fonte: Arquivo da Diocese do Crato.**

A inauguração do Seminário do Crato aconteceu 39 anos antes da criação da Diocese do Crato. No entanto, o seminário, por muitas vezes, foi fechado devido a crises provocadas pelas secas.

³⁴ Lourenço Vicente Enrile, lazarista, italiano, lecionava teologia moral no Seminário de Fortaleza. Foi enviado em missão para o Crato para a construção do Seminário.

Em uma das reaberturas do seminário, exatamente em 1889, Dom Quintino, então provisionado vigário de Iguatu, pedia exoneração, um mês depois de sua posse, para protagonizar a abertura do Seminário Menor³⁵ de São José no Crato com a colaboração do monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro e do padre Joaquim Sóter de Alencar, permanecendo aberto até 1891, época em que novamente fechou as suas portas.

Novamente, em 1893, Dom Quintino reabriu o seminário, do qual se tornou reitor, contando ainda com a colaboração do padre Joaquim Sóter, e dos padres Vicente Sóter de Alencar, Miguel Coelho de Sá Barreto e Joaquim Severiano de Vasconcelos, funcionando até o fim do ano de 1897. Também coube a Dom Quintino, já como bispo do Crato, fundar em 1922, o Seminário Episcopal (maior) da diocese, desanexando do seminário de Fortaleza, fundando em definitivo o Seminário do Crato, ato que o tornou pioneiro do ensino superior entre os interiores do Estado, iniciando no mesmo ano, os cursos preparatório e teológico no Seminário Menor e no Seminário Maior³⁶, respectivamente.



**Figura 11 – Foto da inauguração do Seminário Propedêutico, localizado no Município de Barbalha, na região do Cariri. 2014.
Fonte: Arquivo da Diocese do Crato.**

³⁵ Seminário Menor é o lugar onde acontecem os primeiros anos de formação dos seminaristas católicos que irão ser ordenados sacerdotes para a Igreja Católica, permanecendo entre dois e quatro anos, quando irão para a próxima formação que é o Seminário Maior.

³⁶ Seminário Maior é uma instituição da Igreja Católica dedicada à formação filosófica e teológica de seus candidatos ao ministério sagrado.

Segundo o site da diocese de Crato, encontra-se da seguinte forma a situação atual do Seminário: A formação sacerdotal no Seminário São José de Crato é composta de três ciclos: o ciclo Propedêutico, que funciona, em 2014, na cidade de Barbalha, e é feito em um ano, conta com 12 alunos; na sede do Seminário São José funciona o Ciclo Filosófico, feito em três, contando com 25 seminaristas, e o ciclo Teológico, feito em quatro anos, contando com 27 alunos, totalizando 64 seminaristas em 2014. Desses seminaristas, 15 são oriundos das Dioceses de Petrolina e Salgueiro (ambas em Pernambuco) Diocese de Cajazeiras (PB) e Diocese de Iguatu (CE).³⁷

Como primeira instituição educacional do Crato, surgida em 1875, o seminário atraiu muitos alunos de vários municípios do Ceará e de estados vizinhos, tornando-se, também, a primeira instituição de ensino superior do estado do Ceará, e funcionando como centro regional de formação de sacerdotes católicos.

Nesse contexto, segundo Figueiredo:

Mesmo com algumas adversidades, o seminário episcopal instalado em 1875, continuava a ser o centro das atenções da diocese de Fortaleza com relação ao Cariri. A localização do seminário episcopal em Crato foi certamente usada como argumentação para a criação da segunda diocese do Ceará a ser instalada no Sul do Estado, dado que constituía um elemento de grandeza para o patrimônio de diocese segundo prescrevia o Concílio Tridentino. (FIGUEIREDO, 2015, p.66).

Dando continuidade à nossa argumentação, percebemos que o processo de criação de novas dioceses no Brasil partiu de Roma, dos prelúdios do Concílio Plenário da América Latina realizado em 1899, pelo Papa Leão XIII, e veio a se concretizar no início do século XX.

A primeira diocese brasileira foi a de São Salvador na Bahia, criada pelo Papa Júlio III, em 1551, dependente, isto é, sufragânea da Sé Metropolitana de Lisboa. Ela foi elevada a arquidiocese pelo Papa Inocêncio XI, em 1676, e veio a ter como sufragânea a diocese de Diamantina, ainda no Império, em 1854; e as demais, a partir do início do século XX: a diocese de Aracaju, em 1910; as dioceses de Barra, Caetité e de Ilhéus, em 1913; e outras nas décadas seguintes até a diocese de Camaçari, já no século XXI.

A Diocese de Fortaleza, a exemplo da Diocese de Diamantina, foi criada,

³⁷ <http://diocesedecrato.org/seminarios/seminario-sao-jose-de-crato/>

ainda no período imperial, no mesmo ano de 1854, e elevada a Arquidiocese em 1915, e teve como Dioceses Sufragâneas: Crato (1914), Sobral (1915), Limoeiro do Norte (1938), Iguatu (1961), Crateús (1963), Itapipoca (1971), Quixadá (1971) e Tianguá (1971).

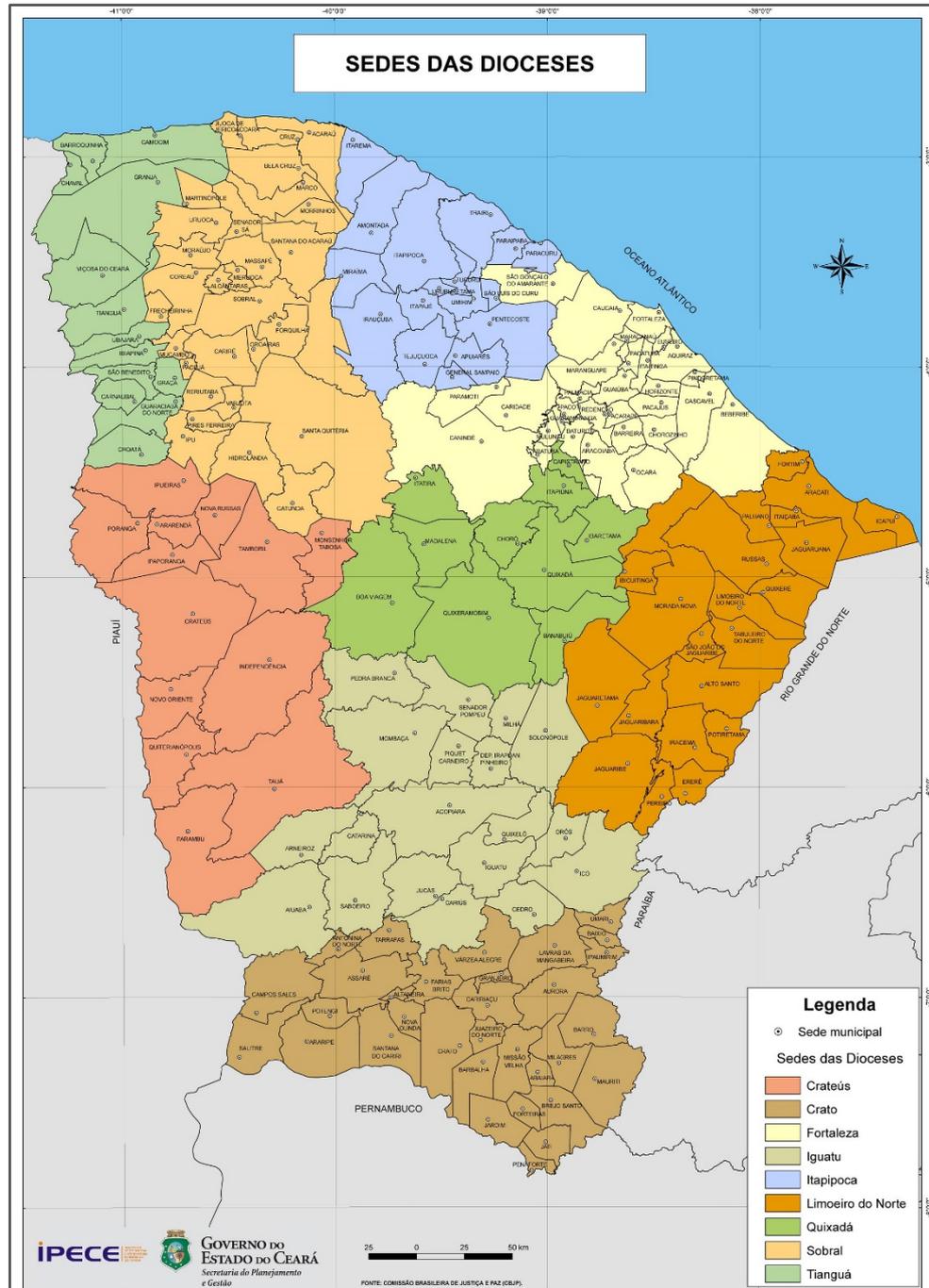


Figura 12 – Mapa do Ceará com a divisão das dioceses católicas, 2009.
Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão, Governo do Estado do Ceará.

3. A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DA DIOCESE DO CRATO

A ideia da criação da nova diocese na cidade do Crato, segundo Figueiredo (2015), partiu dos bispos do Norte brasileiro, a partir de uma reunião em Recife, aceita por Dom Giuseppe Aversa, Núncio Apostólico no Brasil, e Dom Manoel da Silva Gomes, naquela época, bispo do Ceará.

É bom lembrar que Dom Manoel, à frente da diocese do Ceará, é que promoverá o processo de desmembramento de sua diocese, criando uma diocese no Cariri. O apoio do novo bispo foi importante para a criação da nova diocese com sede na cidade do Crato, que contou com o apoio do clero caririense e a ajuda do Padre Quintino, então vigário da freguesia de Nossa Senhora da Penha do Crato, na formação de uma comissão com as funções de planejar, preparar e iniciar os trabalhos da segunda diocese do Ceará.

Os trabalhos para a instalação da nova diocese foram iniciados em 1908 favorecidos pela boa relação entre as autoridades eclesiais, tanto de Crato como de Juazeiro, com a sede diocesana. Mas uma instalação dessa monta exige um grande patrimônio material, cujo levantamento necessário estava encontrando dificuldades. Segundo Figueiredo:

Para a criação de uma diocese, a aquisição do patrimônio era um quesito fundamental, no entanto mesmo sem o patrimônio suficiente, a aprovação eclesiástica para a nova circunscrição poderia ser definida a partir da potencialidade econômica da futura diocese. Isto significa que a aquisição do patrimônio era projetada para os primeiros anos após a instalação da diocese. Dentro desta averiguação do patrimônio, além do quesito, "formação sacerdotal", era avaliado também o porte da matriz da sede episcopal, a casa residencial do futuro bispo, a territorialidade, o porte das paróquias da futura diocese, a presença de casas religiosas, e outros elementos no âmbito eclesiástico. No âmbito civil era avaliada a estrutura social, política e econômica da cidade sede e da região que passaria a receber a nova circunscrição eclesiástica. Todos estes elementos eram afrontados com a ação pastoral e os seus desafios na região. (FIGUEIREDO, 2015, p.67).

O andamento da criação da diocese, em primeiro lugar, foi prejudicado pela insuficiência de recursos, e em segundo lugar, pela crise política que se estabeleceu na Região do Cariri devido a Revolta de Juazeiro³⁸.

³⁸ A Revolta ou sedição de Juazeiro foi um confronto ocorrido em 1914 entre as oligarquias cearenses e o governo federal provocado pela interferência do poder central da política estadual nas primeiras décadas do

O confronto em Juazeiro tinha de um lado, a oligarquia Accioly, Padre Cícero e Floro Bartolomeu (médico e político), e de outro lado, o governo do estado na pessoa do coronel Franco Rabelo (militar e político), cujo embate teve seu ápice em 1914 com as tropas de Juazeiro ocupando em primeiro lugar, a cidade do Crato, seguindo para outras cidades, até chegar a Fortaleza, derrubando o governo de Franco Rabelo.

Apesar da crise política, dificuldades e adversidades os trabalhos continuaram, e depois de muitas correspondências, relatórios, documentos e cartas entre o bispo do Ceará, o núncio apostólico do Brasil e autoridades eclesiásticas em Roma, no dia 20 de outubro de 1914 nascia a *Cratensis dioecesis*, a Diocese do Crato. Para se ter uma ideia daquele momento histórico, quando da criação da diocese do Crato, torna-se necessário apresentar o principal problema religioso e político da região aquela época que era, sem dúvida, a Ascensão de Padre Cícero. O que faremos no próximo tópico.



Figura 13 – Pintura da Praça da Sé em 1914, ano de criação da Diocese do Crato.

Fonte: <http://blogdocrato.blogspot.com.br/2015/10/noticias-de-crato-por-armando-rafael.html>.

3.1 O Padre Cícero e sua importância na conjuntura política, religiosa, social e territorial do Cariri

Padre Cícero ou *Padim Ciço* nasceu no Crato/CE, em 24 de março de 1844, e batizado no mês seguinte, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha, no Crato. Cícero Romão Batista era filho de Joaquim Romão Batista e Joaquina Vivência Romana.



Figura 14 – Padre Cícero.
Fonte: Diocese do Crato.

Padre Cícero iniciou seus estudos aos seis anos, ainda no interior do Estado. Aos dezesseis anos mudou-se para Cajazeiras, no estado da Paraíba, para estudar no colégio do Padre Rolim³⁹. No qual, demorou-se pouco, por causa da

³⁹ Inácio de Sousa Rolim (1800-1899) nasceu em Cajazeiras no estado da Paraíba. Foi um sacerdote católico e educador. Morou no Crato durante cinco anos, estudando e se preparando para o ingresso no seminário de Olinda, fato que aconteceu em 1822. Integrando em seguida o corpo docente do seminário como professor de grego, e posteriormente, ordenado subdiácono, diácono, presbítero, e em paralelo, o cargo de reitor. Em 1829 fundou a Escolinha da Serraria, que em pouco tempo, por causa da repercussão para outros estados, e conseqüentemente, o aumento de alunos, transformou-se em escola de ensino secundário, passando a ser o primeiro colégio da Paraíba, alavancando o desenvolvimento da cidade.

morte do pai, retornando ao Crato para ficar junto a mãe e irmãs.

Em 1865 ingressou no Seminário da Prainha, em Fortaleza, e permaneceu até 1870, quando da sua ordenação sacerdotal, sendo ordenante Dom Luiz Antônio dos Santos, 1º. Bispo do Ceará. Em seguida, retornou ao Crato como padre sem paróquia, cujo motivo o levou a ministrar aulas de latim no Colégio Padre Ibiapina, fundado e dirigido por seu primo e amigo, professor José Joaquim Teles Marrocos.

Padre Cícero visitou Juazeiro do Norte, em 1871, durante a Festa do Natal do Senhor, quando celebrou, pela primeira vez, uma missa em Juazeiro. No povoado, tanto se encantou como encantou os habitantes, encantos suficientes para retornar em 1872, em definitivo. A partir daí, suas ações alteraram o ambiente: iniciando com a reforma da capela dedicada a Nossa Senhora das Dores, erigida pelo padre Pedro Ribeiro de Carvalho; trabalhos pastorais, pregações e visitas domiciliares, o que lhe rendeu em pouco tempo, e aceito pelo povo, um grande espírito de liderança, passando, desde então, a moralizar os costumes do povo e atrair outros povos vizinhos. (DELLA CAVA, 2014).

De fato, a simpatia, a eloquência nas pregações e os trabalhos pastorais atraíram outros povos, mas, o que realmente atraiu o grande rebanho de devotos, foi o fenômeno chamado Milagre de Juazeiro.

O milagre ou o suposto milagre ocorreria em março de 1889, e teria sido a transformação da hóstia em sangue, à vista de todos, na boca da beata Maria de Araújo, durante a ceia conduzida por Padre Cícero, na capela Nossa Senhora das Dores. A partir do milagre, explode o imaginário originando um mito. Nessas circunstâncias, BACZKO⁴⁰ (1985, p. 296) diz que “nas mentalidades, a mitologia que nasce a partir de determinado acontecimento sobreleva em importância o próprio acontecimento”. Esse fato incomum mudaria completamente o dia a dia do lugar, inclusive, mudaria por completo, a vida de Padre Cícero.

Pela Igreja Católica, o acontecimento foi considerado um ultraje. Se de um lado a Igreja passou a perseguir Padre Cícero e a isolá-lo oficialmente até a suspensão do seu ministério por Dom Joaquim Vieira, o segundo bispo de Fortaleza, do outro lado, a cidade atraía milhares de devotos celebrando o momento sagrado.

O sagrado descreve a natureza da religião e o que ela tem de especial, é

⁴⁰ Bronislaw Baczko nasceu em Varsóvia na Polônia em 1924. Filósofo, professor e historiador.

algo totalmente diferente de tudo que existe, logo, incomum. É um poder que provoca espanto, temor, e ao mesmo tempo atração difícil de resistir. (GAARDER⁴¹, 2000).

E por ser quase irresistível, é que o fato sagrado teve intensa divulgação no “boca a boca” e oficialmente pela imprensa. Quanto mais a Igreja contestava, mais o povo adorava. Muitas pessoas passaram a ver Juazeiro como a nova Canaã e a Padre Cícero como o novo Messias, visões despertadas pelo imaginário religioso.

A partir disso, como já nos referimos anteriormente, a Igreja, através do bispo do Ceará Dom Joaquim Vieira, formou uma junta de médicos e sacerdotes para averiguar o fenômeno. O resultado não agradou, pois a junta não encontrou explicação natural para o caso, considerando-o como algo extraordinário. Tornou-se necessária outra comissão que considerou o fenômeno, um embuste.

Em resposta às ordens advindas da Santa sé, em Roma, depois do envio do relatório do inquérito, Dom Joaquim Vieira tomou medidas de punição ao Padre Cícero, com sua suspensão da ordem, e de retratação pública aos padres que acreditavam no milagre.

Depois de sua punição, em 1894, Padre Cícero passou muito tempo tentando revogar sua pena, indo, inclusive, a Roma, diante do Tribunal do Santo Ofício, onde conseguiu, pelo menos, autorização de rezar missa, porém, negada pelo bispo Dom Joaquim Vieira, desconsiderando a ordem vinda de Roma.

O milagre era uma grande causa, mas, não o único problema que acarretava no embate, entre Padre Cícero e a Igreja. Outras incriminações, algumas possivelmente ligadas ao milagre, eram impostas à figura do padre.

A primeira incriminação, segundo Lira Neto (2009), é a de ser um mistificador e aproveitador da simplicidade do povo, semeando fanatismo. Um homem pouco ortodoxo, voltado mais para superstição. Outra incriminação atribuída a Padre Cícero era quanto a sua rebeldia e desobediência às normas e aos superiores eclesiais. Outros entraves imputados a ele estavam na sua relação com jagunços e com a política, além de seu patrimônio conseguido à custa das esmolas.

Embora a relação entre Padre Cícero e o Clero fosse conturbado, e muitas vezes antagônico, aquele ofereceu em 1909 o patrimônio necessário à criação da diocese, contanto que fosse instalada em Juazeiro.

⁴¹ Jostein Gaarder é um escritor, professor de filosofia e intelectual norueguês. É autor de romances filosóficos, entre eles, está “O mundo de Sofia”.

Padre Cícero realmente desejava uma diocese na Zona Caririense com sede em Juazeiro, mas não obteve êxito junto ao bispo do Ceará. Além do mais, o projeto da criação da diocese já havia sido iniciado em Crato. Naturalmente que Padre Cícero não foi tão condescendente com a negativa e propôs, em contrapartida, a autonomia política de Juazeiro em relação ao Crato. De acordo com o relato de Figueiredo:

No início do século XX, com o crescente envolvimento do Juazeiro na política regional e o descrédito do Padre Cícero mediante o alto clero, a preocupação do referido padre em relação à nova diocese tomou outro rumo. Em 1910, dois anos após o início dos trabalhos da comissão em Crato para o levantamento do patrimônio da nova diocese, o Padre Cícero autorizou o povoado do Juazeiro a se declarar independente da Cidade de Crato, na prática se declarava publicamente o não pagamento dos impostos ao Crato. A autoridade eclesiástica do Padre Cícero respeitada por uma parte da alta sociedade do Cariri e dos políticos locais, de modo particular da oligarquia Accioly, teve um papel fundamental para a emancipação política do Juazeiro. (FIGUEIREDO, 2015, p. 65).

No mesmo ano de 1910, ocorre uma passeata pela emancipação de Juazeiro em relação a Crato. O movimento tornar-se-ia vitorioso, e em 1911, através da lei no. 1028, estava criada oficialmente a cidade de “Joazeiro”, e o seu primeiro prefeito seria padre Cícero, empossado em outubro do mesmo ano. Dessa forma Padre Cícero, despojado e isolado de sua Igreja, projeta-se politicamente. De certa forma, protegendo Juazeiro e os seus devotos das ações do bispo do Crato.

A primeira medida de padre Cícero como prefeito, em reunião com os coronéis da região, foi apaziguar os ânimos entre eles, e buscar a paz para o Cariri, e acima de tudo, conseguir a proteção deles, com o Pacto dos Coronéis, para Juazeiro.

Seguindo os passos da política, padre Cícero, aos 68 anos, foi homologado, na Assembleia do Ceará, como terceiro vice-presidente do Estado, no governo de Franco Rabelo, depois de um acordo entre partidários de Rabelo (oposição) e Nogueira Accioly (situação). Mas, por outro lado, foi exonerado, pelo próprio Rabelo, um mês depois de tomar posse como governo estadual, do cargo da prefeitura de Juazeiro, visto como ameaça na sucessão estadual. Para Lira Neto (2013), padre Cícero era visto aos olhos de Franco Rabelo, como um rebelde em potencial. Acolhedor de cangaceiros, líder político em ascensão no Cariri e herdeiro declarado da oligarquia aciolyana, o padre era a mais perfeita tradução do inimigo a

ser abatido.

Nesse contexto, Franco Rabelo, autoridade maior do estado do Ceará, decretava a exoneração de todos os chefes políticos da região cariense, que tinham relação com o antigo governo; depois enviou uma tropa para o Crato, com a intenção de manter a ordem e prender os jagunços, enquanto isso, padre Cícero rezava e dava as bênçãos ao Doutor Floro Bartolomeu que articulava um plano para destituir o atual governo, contava, para tanto, com o apoio político do senador gaúcho Pinheiro Machado, líder nacional do Partido Republicano Conservador, que no Congresso Nacional, no Rio de Janeiro, solicitava por telegrama, ao presidente Marechal Hermes, uma interferência federal, no Ceará.

O plano em andamento, elaborado por Floro Bartolomeu e Pinheiro Machado, e apoiado por padre Cícero, consistia em formar uma Assembleia Legislativa dissidente no Ceará, provocando um impasse institucional, para suscitar uma interferência federal. Mas, o plano foi descoberto, o que gerou justificativas para o governo estadual atacar Juazeiro.

Padre Cícero, estrategicamente, se antecipou ao ataque e disse ao povo que os soldados do governo estadual iriam invadir Juazeiro, armados e ansiosos por destruir tudo o que estivesse pela frente: igreja, imagem de Nossa Senhora das Dores, casas, roçados, e clamou ao povo para defender Juazeiro, e o povo atendeu e abriu uma vala em torno da cidade, chamada de Círculo da Mãe de Deus, de acordo com o plano de padre Cícero. (DELLA CAVA, 2014).

As tropas do governo chegaram a Juazeiro, sob as ordens do coronel do Exército Alípio Lopes de Lima Barros, convictas da vitória, pois o número de soldados excedia, e muito, o número de “cabras”, mas, recuaram e retornaram ao Crato, derrotadas. As bênçãos e a estratégia de guerra de padre Cícero deram resultado. Houve um segundo ataque a Juazeiro sob o comando do capitão Ladislau Lourenço, e uma segunda derrota.

Após a segunda derrota do governo estadual, os homens, abençoados por padre Cícero e sob o comando de Floro Bartolomeu, invadiram e triunfaram contra as tropas que estavam em Crato, e seguiram com o objetivo de conquistar Fortaleza. Depois de Crato, conquistaram Barbalha, Iguatu, Jardim, Missão velha. Segundo Lira Neto, na Sedição de Juazeiro, a perspectiva política predominou em relação ao aspecto religioso, cujos desdobramentos fizeram com que a Nunciatura Apostólica do Brasil acelerasse a criação da diocese do Crato. (LIRA NETO, 2009).

Padre Cícero⁴² morreu em 1934 sem obter seus direitos sacerdotais, nem a correção da (in) justiça sofrida pela perseguição eclesial. No entanto, em 2001, o cardeal alemão Joseph Ratzinger, durante o papado de João Paulo II, envia uma carta para o Brasil, endereçada à Nunciatura Apostólica brasileira, cujo conteúdo cogita o perdão e uma possível canonização de Padre Cícero.

A partir daí, novamente a Diocese do Crato entra em cena em relação a Padre Cícero, representada por um novo bispo italiano, nomeado pelo Papa João Paulo II, Dom Fernando Panico⁴³. Este trazia em sua bagagem familiaridade com o povo nordestino e sua religiosidade, pois vivia no Brasil desde 1974, com passagem pelo Maranhão como vigário no município de Pinheiro, como reitor do Seminário Menor da Diocese de Pinheiro, e como chanceler da cúria diocesana. Foi transferido para a capital maranhense a fim de exercer as funções de vigário da Paróquia São Cristóvão. Também teve passagem, como bispo da Diocese de Oeiras-Floriano, no Piauí.



**Figura 15 – Dom Fernando Panico, atual bispo do Crato.
Fonte: Diocese do Crato.**

⁴² Ver no anexo 1 a cronologia dos fatos acontecidos em Juazeiro ligados a padre Cícero.

⁴³ Dom Fernando Panico nasceu em Tricase/Itália, em 1946, e naturalizado brasileiro, em 2000. Quinto bispo da Diocese de Crato. Bacharel em filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Bacharel em teologia pelo Instituto Teológico Fiorentino, em Florença. Mestre em teologia litúrgica pelo Pontifício Instituto Litúrgico, e doutor em liturgia pela Pontifícia Faculdade de Nossa Senhora da Assunção em São Paulo.

Uma vez empossado como bispo da Diocese do Crato, Dom Panico inicia um processo de reaproximação entre cratenses e juazeirenses, de incentivo às romarias, e principalmente, de reabilitação canônica de Padre Cícero.

O intento de Dom Panico foi iniciado verbalmente durante as missas e depois, através de cartas pastorais direcionadas aos fiéis. Dom Panico também organizou uma comissão para fazer um levantamento documental para avaliar uma possível remissão de Padre Cícero, para depois, uma vez perdoado, promover a abertura de um processo de beatificação.

Afinal de contas, descartar um líder religioso que até hoje arrebanha milhões de devotos, e que transita no imaginário coletivo como onipresente, representado em imagens, sobre pequenos altares e capelas de milhares de lares e ambientes comerciais, em livros, filmes, revistas, fitas, chaveiros e em folhetos de cordel.

Na visão de Ginzburg (2006), cordel são folhetos baratos, impressos de maneira grosseira, que narram histórias de vida dos prodígios de heróis, loucos, santos, etc, vendidos por ambulantes e carregados de uma visão de mundo fatalista e determinista, e ao mesmo tempo, maravilhoso e misterioso.

O folheto de cordel está entre os suvenires que alimentam e preservam as tradições, as lendas e os costumes de um povo, como fazem também, com o mito religioso em torno de Padre Cícero, mas Gaarder (2000) assinala que as lendas tem um significado menor que o mito religioso. Nesse sentido, enquanto o mito “Padre Cícero” é alimentado perenemente por romeiros, a Igreja Católica sofre constantemente a perda de fiéis.

No sentido de manter os devotos sob a égide da religião católica, o próprio bispo do Crato, em carta endereçada a Joseph Ratzinger, já como Papa, pede a Sua Santidade, a reabilitação canônica de Padre Cícero e o perdão de todas as acusações imputadas a ele, e ainda reforça a importância da romaria como um baluarte da fé dos queridos filhos da Igreja Católica, que, com tamanha devoção, impede o avanço evangélico da região.

“Papa Francisco promete empenho na reabilitação de Padre Cícero”. Esta manchete está entre as notícias do dia 21 de outubro de 2013 da Rádio Padre Cícero⁴⁴. De acordo com a matéria, o bispo do Crato, Dom Fernando Panico,

⁴⁴ <http://padrecicero.rcr.org.br/>

participou de audiência com o papa Francisco em Roma, na qual entregou em mãos uma carta sobre a realidade de Padre Cícero e as romarias reforçando o pedido de reabilitação de Padre Cícero, e após 20min de audiência, Dom Panico obteve uma resposta carregada de entusiasmo e promessa.

Os fatos narrados anteriormente insinuam um estancamento na reabilitação de Padre Cícero, mas, as fontes vão se renovando constantemente através da imprensa diária e periódica (HOBSBAWM 1995).



Figura 16 – Dom Fernando Panico, atual bispo do Crato, ao centro com a Cúria Diocesana e o Chanceler Armando Lopes Rafael, na segunda posição, a sua esquerda.

Fonte: Diocese do Crato.

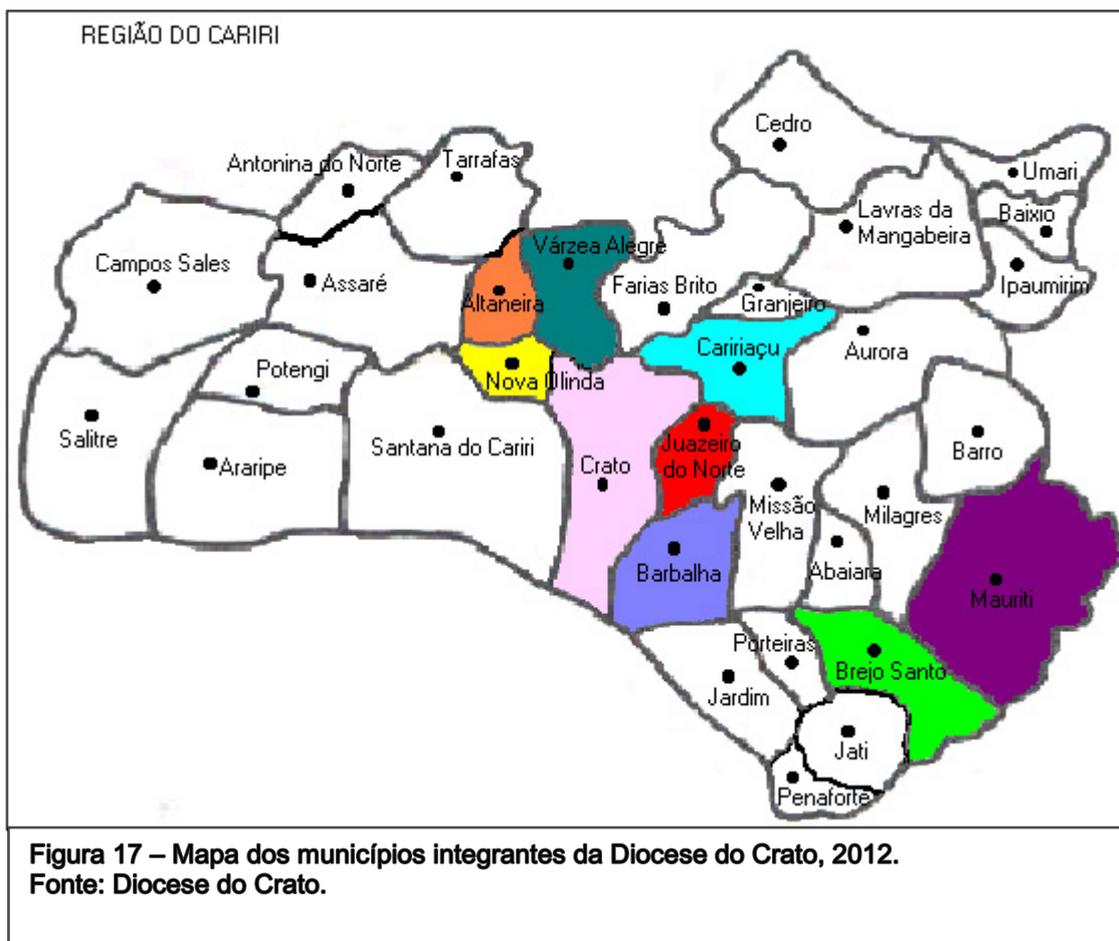
Neste sentido, a matéria “Perdão do Vaticano”⁴⁵, publicada dia 13 do último mês de 2015, pelo jornal “O Povo” comenta a mensagem do Vaticano enviada à diocese do Crato e divulgada por seu bispo, Dom Fernando Panico, durante a missa na Catedral do Crato, dando conta de que o Padre Cícero fora perdoado das

⁴⁵ <http://www.opovo.com.br/app/maisnoticias/mundo/2015/12/13/noticiasmundo,3548553/papa-francisco-perdoa-padre-cicero.shtml>

punições. Estas foram impostas pela Igreja Católica entre 1892 a 1926, e que proibiam Padre Cícero de administrar sacramentos, celebrar missas e permanecer em Juazeiro do Norte. Dom Panico considera que este gesto do Papa é um grande passo para a reabilitação e beatificação daquele que é tão compreendido e amado pelo povo.

Mas, segundo o Chanceler da Cúria Diocesana do Crato, Armando Lopes Rafael, a diocese não tem intenção de abrir nenhuma comissão de estudo para o pedido de beatificação de Padre Cícero.

3.2 A criação da Diocese do Crato e sua influência no progresso econômico, social e cultural da região do Cariri



A ideia de progresso não é uma concepção nova, na realidade, é um conceito de longa duração, o qual é revelado, e somente revelado, através da pesquisa histórica. A ideia de progresso se estende desde a Antiguidade, figurada no

meio culto, atrelada ao avanço científico, percorrendo na Idade Média, com o desenvolvimento das cidades e o surgimento das Universidades, e triunfando ideologicamente com a Revolução Francesa, chegando ao tempo hodierno com a ideia de desenvolvimento, cujo conceito foi transformado, a partir do aparecimento do Terceiro Mundo.

Dentro da perspectiva de progresso, e posteriormente desenvolvimento, procuramos apresentar a cidade do Crato, a partir de sua reestruturação urbana em finais do século XIX e início do século XX, culminando com a criação da sua Diocese, em 1914, exaltando a figura de Dom Quintino, seu primeiro Bispo, responsável por vários projetos desenvolvimentistas e importantes para a cidade, especialmente na área educacional com fundações de escolas, colégios e internatos.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE).

Figura 18 – Mapa do Região Metropolitana do Cariri, 2012.

Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão, Governo do Estado do Ceará.

Muitos fatores contribuíram para o progresso do Crato, segundo Pinheiro (2009), entre eles, estão: a fertilidade do solo, o aquífero da região, com várias fontes e precipitação regular de chuvas. Nesse período de surgimento de povoações ou núcleos populacionais, no Ceará, e em todo Nordeste brasileiro, foi comum o

aparecimento dessas comunidades ao longo dos cursos d'água. Esses fatores naturais foram responsáveis por atrair elementos humanos de outras partes do estado, e também, das províncias circunvizinhas.

Atualmente a cidade do Crato integra a Região Metropolitana do Cariri, localizada no sul do estado do Ceará, região que faz divisa com os estados de Pernambuco, Paraíba e Piauí.

A figura 18 mostra o mapa da Região Metropolitana do Cariri, que compreende, além do município do Crato, mais oito municípios, são eles: Juazeiro do Norte, Barbalha, Caririaçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri.

O deslocamento migratório, citado acima, naturalmente, elevou a população cratense, fato que ampliou a demanda consumista, potencializando o comércio local, contribuindo para abertura de lojas, armazéns, mercearias, estadias, barbearias e cafés, etc., alterando a estrutura urbana da cidade. Sobre essa reestruturação urbana, Pinheiro comenta que, “A par do aperfeiçoamento das construções urbanas, a partir da década de 1850, refinavam-se os costumes, no Crato”, (ibid., pág. 83).

Vimos, a partir das colocações anteriores, um progresso pautado na economia e na ascensão demográfica, processo este, que desencadeou novos investimentos urbanos públicos e particulares, acompanhados da chegada de famílias de outras cidades, sobretudo, de cidades que declinavam, como o Icó, propiciando a formação de uma elite na sociedade cratense.

A criação do Bispado do Ceará, em 1854, pode ser considerada outro fator de contribuição para ascensão do Crato. De acordo com Pinheiro, “... foi o bispado do Ceará poderoso elemento de cultura e civilização do nosso povo, resultando no aumento do número de instituições religiosas que atendiam a demanda educacional. E com isso, os seminários, imprimiram maior pureza à vida do clero cearense, proporcionando-lhe melhor formação intelectual, moral e religiosa”. (PINHEIRO, 2009, p. 90).

Nesse contexto, como foi dito anteriormente, Dom Luiz Antônio dos Santos foi o escolhido do Governo do Império para ocupar o recém-criado bispado do Ceará, decisão aprovada por Roma e inserida no processo de centralização do comando da Igreja Católica, a partir da Santa Sé.

Na literatura da época, o vocábulo “progresso” é bastante citado, para

descrever o avanço do Crato, ainda no século XIX. De acordo com Le Goff, “A partir do final do século XVIII a noção de progresso permaneceu confinada à Europa e aos Estados Unidos da América e, depois de 1867, ao Japão, até que o século XX levantou problemas relativos ao desenvolvimento do Terceiro Mundo”. (LE GOFF, 1990, pg. 232).

Ainda segundo Le Goff, para os gregos não existia o termo progresso, a ideia era avançar, essencialmente ligada ao material, mas os pensadores e políticos não gostavam de mudança, que significava para eles desordem e corrupção. A partir do século V, a ideia de progresso passou a figurar entre os cultos, que ligavam a noção de progresso ao avanço científico.

A descrença à ideia de progresso continua na Idade Média, sobretudo por dois fatores: o cristianismo e o feudalismo. Por um lado, a dicotomia entre progresso material e progresso moral, tornava-se um obstáculo, por outro lado, a valoração da subsistência obstaculizava a ideia de crescimento. Assim como na Antiguidade, durante a Idade Média, também houve lampejos de aceitação da ideia de progresso com o desenvolvimento das cidades; e com o surgimento das universidades.

Entre os séculos XVI e XVIII, a ideia latente de progresso se expõe entre os intelectuais, mas, com certos limites, e muito atrelada ao avanço científico. Após 1740, o conceito se desenvolve no meio econômico-político, histórico e filosófico, triunfando ideologicamente com a Revolução Francesa.

No século XIX, a ideia de progresso se solidifica com os progressos técnico-científicos; do liberalismo, da instrução e alfabetização, e da democracia; e com a revolução industrial. Um fator importante é notar a apresentação de um novo tipo de progresso, o progresso humano, com preocupações voltadas ao conforto, bem-estar e segurança. A partir do século XIX, as instituições científicas passam a difundir a ideia de progresso.

O termo progresso e seu conceito adquire reconhecimento no século XX, e passa a fazer parte de vários lemas, como: civilização e progresso; democracia e progresso; liberdade e progresso, entre outros. Mas, a partir de meados do século XX, com a titularização dos países pobres como países do Terceiro Mundo e o antagonismo entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos, a ideia de desenvolvimento passou a sufocar a ideia de progresso. A ideia geral de progresso se fragmentou e se particularizou em setores, transformando-se em processos de progresso, deixando o termo desenvolvimento para determinar, na sua amplitude, a

ideia de progresso.

Diante dos fatos e atos acima expostos por Pinheiro (2009), foi notável o progresso material do Crato, entre meados do século XVIII até os anos cinquenta do século XX: o aumento populacional e a estruturação urbana; o aumento do comércio e outras atividades econômicas. Foram fundados nessa época, os jornais O Araripe, a Gazeta do Cariri, o Sul do Ceará e o Correio do Cariri, a maioria de cunho religioso, fundados sob a influência do Seminário Menor de São José, e posteriormente, sob influência da diocese.

A partir do seminário e da diocese, multiplicou-se o número de colégios, abriram-se hospitais, capelas e uma instituição financeira. Por outro lado, surgiu o questionamento quanto ao progresso moral e humano. Os indivíduos se tornaram mais éticos? Eles desfrutaram de maior segurança, conforto e bem-estar?

A ideia de desenvolvimento, em substituição à ideia de progresso fragmentada em processos de progresso, não se estanca com o crescimento e acumulação material, ela vai adiante, vai mais a frente, o que nos remete a um dos conceitos civilizatórios de Norbert Elias⁴⁶ quando diz, “Civilização descreve um processo ou, pelo menos, seu resultado. Diz respeito a algo que está em movimento constante, movendo-se incessantemente - para frente”.⁴⁷

Nesse sentido, ao contrário das criaturas da quarta vala do Oitavo Círculo do Inferno de Dante, com suas cabeças voltadas para trás e proibidas de olhar para frente, as cidades devem olhar em todas as direções, privilegiando o passado, mas sem deixar de olhar para frente – observando o futuro.

3.3 Dom Quintino e o seu projeto educacional para o Cariri

Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva ou simplesmente Dom Quintino, foi o primeiro bispo da Diocese de Crato.

Dom Quintino nasceu na cidade de Quixeramobim, Ceará em 1863, em cuja cidade iniciou o estudo. Sobre o início de vida de dom Quintino, Sobreira (1965) diz que vale a pena salientar que o futuro bispo do Crato nasceu, como o Santo

⁴⁶ Norbert Elias (1897-1990) foi um sociólogo alemão, cujas obras focaram a relação entre poder, comportamento, emoção e conhecimento da História.

⁴⁷ (ELIAS, 1994, pg. 24).

Padre João XXIII⁴⁸, de lar modestíssimo e paupérrimo. Seu pai exercia a humilde profissão de vaqueiro e morava numa fazendinha perdida no sertão de Quixeramobim.

Em março de 1881, aos 17 anos, foi ser seminarista no Seminário de Fortaleza, um sonho do tempo de menino. O Seminário da Prainha⁴⁹, a primeira escola de nível superior do Ceará.

Segundo Castelo (1964), desde a fundação do seminário da Prainha, em 18 de outubro de 1864, sendo bispo do Ceará Dom Luiz Antônio dos Santos, o primeiro bispo do Ceará, até o início de 1963, a direção do seminário esteve entregue aos padres da congregação dos lazaristas, e teve como primeiro reitor: Pe. Pedro Augusto Chevalier, entre os anos de 1864 e 1891, e como últimos desse período, o padre Vicente Joaquim Zico, entre os anos de 1960 e 1963, e padre Sebastião Gatão Dias, de 1963 a 1964.



Figura 19 – Seminário da Prainha.
Fonte: www.abih-ce.com.br

O seminário da prainha, um casarão situado no lugar, denominado antigamente de Oiteiro da Prainha, passou ao longo do tempo por várias reformas, a

⁴⁸ Papa João XXIII, nascido na Itália como Angelo Giuseppe Roncalli (1881-1963), pertencia à ordem franciscana secular e foi papa de 1958 até a sua morte.

⁴⁹ ANEXO 4 – Descrição ambiental do Seminário da Prainha.

composição atual com grandes janelas voltadas para o mar, permitem a passagem da brisa marinha e apresentam por conta de sua localização no alto de uma colina, uma paisagem belíssima do litoral de Fortaleza, essa beleza paisagística, contrasta com o espaço interno, sem muita decoração e fechado a vida mundana da cidade.

A figura 19 mostra a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Prainha coligada ao seminário da Prainha, cuja ala da frente, a começar do centro para o andar superior, se acha dois parlatórios, sendo reservado, o aposento do vice-reitor, o salão da biblioteca, das salas do Senhor Bispo, e para a esquerda o escritório e aposento do Reitor, um salão dos estudantes do curso teológico, uma sala do padre vigilante e uma capelinha para os seminaristas.

No andar inferior, a portaria, e do lado esquerdo dois quartos, um salão de estudo para os estudantes do curso teológico, uma sala de aulas, um quarto que dá passagem para a capela de Nossa Senhora da Conceição; e do lado direito um quarto de despejo, uma grande sala, três quartos e a capela dos estudantes do curso preparatório ou de introdução.

Na ala direita, no andar superior do lado norte para o sul, o aposento do vigário-geral, uma sala para os padres, o dormitório dos meninos, e entre estes o quarto do padre vigilante; e no andar inferior, dois quartos grandes para lentes⁵⁰, uma sala para depósitos dos móveis dos menores, um quarto para o vigilante, um salão de estudo para os menores e sala para aulas, uma sala para depósito dos móveis dos maiores e em seguida o salão dos estudos destes, um portão que dá entrada para o sítio, um quarto e a carpintaria.

Na ala central duas salas, dois banheiros, um para os menores, outro para os maiores, e ainda outro para os padres, o salão de refeitório e a cozinha com suas dependências.

Têm três pátios, um para recreio dos estudantes do curso, outro para os maiores e outro para os menores.⁵¹

A disposição dos espaços ocupados pelos seminaristas e a rotina do seminário, segundo Lira Neto (2013), era marcada pela vigilância e pela disciplina. As primeiras obrigações iniciavam-se antes do nascer do sol, que consistiam em

⁵⁰ Professor ou professora de escola superior ou de escola secundária. Leitor. Catedrático: o que é dono da cadeira que rege. Fonte: <http://michaelis.uol.com.br/>

⁵¹ CASTELO, Plácido Aderaldo. O Seminário da Prainha. Revista do Instituto do Ceará. Ceará, ANNO LXXVII, 1964. (p. 73-74).

deixar a cama arrumada, orar e meditar. Esse controle estipulado às ações dos estudantes nos remete a Foucault (1987) quando comenta sobre o “o controle da atividade”, pondo o horário como uma velha herança, cujos processos: estabelecem as censuras, obriga a ocupações determinadas, regulamentam os ciclos de repetição, procedimentos vistos nos colégios, nas oficinas, nos hospitais e casas de educação.

Seguindo as atividades rotineiras e controladas, os seminaristas, assistiam à missa, e só depois, tomavam o café, quando não jejuavam. A partir daí, o tempo era passado em sala de aula até ao meio-dia, hora do almoço e da reza do terço, e reiniciava as aulas até às seis da tarde, com a celebração da hora do Ângelus, e fechavam o dia com mais horas de estudos e leituras espirituais compulsórias, com o jantar às vinte horas, oração noturna e recolhimento aos dormitórios, pontualmente, às 21h15.

O primeiro reitor do Seminário da Prainha, o francês Pierre Auguste Chevalier, lazarista, rigoroso e fiel aos preceitos da Santa Sé, teria sido escolhido pelo primeiro bispo do Ceará, por ser a pessoa certa para formar futuros membros da Igreja. Como reitor, afora outras obrigações, presidia o conselho de ordenação, com poder de decidir quem estava apto a receber a ordem eclesiástica, era como filtro para o sacerdócio e habilitação dos demais, para outras carreiras. Nessa lógica, Plácido Aderaldo Castelo assinala que:

Os seminários criaram a principal elite orientadora da sociedade brasileira, num polimorfismo de atividades humanas, que alicerçaram a Pátria com princípios morais, cívicos e religiosos que não podem ser esquecidos pelas gerações de hoje beneficiadas com tão magnífico lastro de cultura. (CASTELO, 1964, p. 57).

Foi gravitando entre os preceitos religioso, moral e intelectual do seminário, e disciplinas, como: Filosofia e História da Filosofia, Retórica, Teologia Dogmática, História da Igreja, Direito Canônico e Moral, Liturgia e Ação Católica, Canto Gregoriano, Pastoral prática e Religião, Dogma, Exegese e Grego, Ascética, Latim e Religião, que Dom Quintino foi formado.

Seus estudos complementares, no tempo livre, eram voltados às leituras complementares e consistia no manuseio de grandes clássicos: portugueses, latinos e franceses; obras de caráter científico, apologético e eclesiástico; trabalhos de

crítica filosófica e exegese bíblica; e leituras de escritores brasileiros, tais quais: José Veríssimo, escritor, educador, jornalista e principal idealizador da Academia Brasileira de Letras; e Juvenal Galeno, escritor cearense, que marcou o início do Romantismo no Ceará, com seu livro *Prelúdios Poéticos* de 1856.

Foi tanta vocação e gosto pelo estudo, pelo evangelho e pelo universo eclesial, que, tão logo ordenado como padre, pelo então bispo Dom Joaquim José Vieira, em 19 de junho de 1887, foi indicado pelo próprio bispo como vigário da paróquia de Missão Velha, e acompanhado pelo padre Manuel Félix Arnaud, como coadjutor.

Dom Quintino, através do zelo, prudência e austeridade ao serviço religioso, teve uma carreira meteórica. Segundo Sobreira:

Foi uma ascensão ininterrupta: coadjutor de Missão Velha, professor do seminário de Crato, reitor do mesmo instituto, pároco daquela cidade, camareiro secreto do Sumo Pontífice, vigário forâneo da vasta Região do Cariri, primeiro bispo de Crato. (SOBREIRA: 2006, p. 28)

Esmiuçando a citação supracitada, Dom Quintino permaneceu como coadjutor de Missão Velha até junho de 1889, e antes de ir para o Crato, foi provisionado vigário de Iguatu. Uma vez em Crato, reabriu o Seminário Menor de São José (Seminário do Crato), onde se tornou professor de português, latim e francês até o fechamento do seminário, em 1891.

Em fevereiro de 1893, Dom Quintino reabriu o seminário e tornou-se reitor, suas ações, como reitor e como educador, foram elogiadas por Padre Azarias:

A ação do Padre Quintino, na Reitoria e no professorado daquela casa de educação, elevou o nível cultural do conceituado instituto e firmou, por forma auspiciosa, a vocação de muitos seminaristas. Professor de elevado senso pedagógico, educador provecto e seguro em sua orientação, não cedia a considerações humanas diante dos princípios basilares de sua conduta na formação moral de seus educandos. (AZARIAS: 1965, p. 78).

Permaneceu no seminário até tornar-se vigário da freguesia do Crato, a paróquia mais importante e populosa da região Sul do Estado, onde permaneceu por 15 anos.

Por toda a sua dedicação à vida eclesial, Dom Quintino recebeu, em 1912, o título de camareiro secreto do Sumo Pontífice, sinal de confiança do Papa, e como pároco da Freguesia de Nossa Senhora da Penha na Cidade do Crato, foi nomeado o primeiro Bispo da Diocese de Crato, *Ecclesiae cathedrali Cratensi*, pelo Santo Padre o Papa Bento XV, por meio da “*Sacrae Congregationis Consistorialis*”.

Dom Quintino foi preconizado bispo em 1915, porém, só tomou posse em seu novo cargo em 1916. Referente à sua posse, Figueiredo assinala que:

No dia primeiro de janeiro de 1916, Dom Quintino fez a sua entrada solene na Catedral do Crato, tinha como lema “*Patientia et Doctrina*”. O bispo do Crato para organizar a Cúria Diocesana, nomeou o monsenhor Vicente Sother de Alencar para Vigário Geral, e para Secretário do bispado nomeou o Pe. José Alves de Lima. Além destes cargos instituiu o Pe. Azarias Sobreira Lobo para Promotor do Vínculo, e o Padre Manoel Araújo Feitosa para ser o Escrivão da Cúria. Instituiu também os consultores diocesanos e os párocos consultores. Como censores eclesiais encarregou os dois padres Joviniano Barreto e Manoel de Araújo Feitosa. (ibid.: p. 92).

Dom Quintino, como bispo, era dedicado às atividades espirituais e ações pastorais, porém era afeito a realizações, a mudanças e a empreendimentos, que chegaram, inclusive, a modificar o cenário socioeconômico da região do Cariri, e, uma vez empossado, priorizou o setor educacional.

Nesse sentido, tratou, sem perda de tempo, de organizar a Cúria Diocesana; fundou o colégio diocesano e reabriu, mais uma vez, o seminário, um ao lado do outro; reabriu, também, o Ginásio São José, destinado à educação masculina; fundou o Colégio Santa Teresa de Jesus, destinado à educação feminina; fundando, também, a congregação religiosa Filhas de Santa Teresa de Jesus.

Além de instituições educacionais, também fundou o Banco do Cariri, a primeira instituição de crédito da diocese e do Sul do Ceará; fundou o jornal *A Região*⁵², o semanário diocesano e o Boletim Eclesiástico destinado à orientação do clero; a Associação dos Empregados no Comércio e a União Artística Beneficente.

Na esteira empreendedora de Dom Quintino, destaca-se o Colégio Santa Teresa de Jesus destinado a mulheres, criadas num tempo difícil para a educação feminina. Nesse período, não existiam escolas de segundo grau para o gênero feminino no Crato, nem na região do Cariri, nem no imenso interior do Ceará,

⁵² Ver anexo 4: Carta Pastoral de Dom Quintino para Padre Azarias sobreira sobre o jornal *A região*.

somente as moças de famílias mais abastadas podiam estudar na Capital. Mas, fazia parte do projeto educacional de dom Quintino, um estabelecimento educacional para as mulheres do sertão.



Figura 20 – Colégio Diocesano do Crato, antigo Ginásio Diocesano.
Fonte: Arquivo da Diocese do Crato.

Nesse contexto, Dom Quintino reabriu o Ginásio São José, que passou a ser chamado de Ginásio Diocesano, estabelecimento educacional destinado à educação masculina, resolvendo o problema educacional para os homens e fundou de uma só vez, duas instituições destinadas às mulheres: a congregação religiosa, Filhas de Santa Teresa de Jesus, para moças vocacionadas nos trabalhos da diocese e o Colégio Santa Teresa de Jesus, resolvendo o problema educacional para elas.



Figura 21 – Colégio Santa Teresa de Jesus.
Fonte: Arquivo da Diocese do Crato.

O Colégio teve o seu início no ano de 1923, aos cuidados da Madre Ana Couto, depois de longos acertos, através de cartas⁵³, num prédio próximo a Praça da Sé, que existe até hoje, destinado também aos homens, e mantendo, à época, padrão de ensino de referência na Região do Cariri.

O perfil de Dom Quintino, segundo o Padre Azarias Sobreira (2006), era de um homem que não aguardava a casualidade, mas de uma consciência que sabia onde queria chegar. Portador de grande equilíbrio interior, nunca aparentava impaciência com seus interlocutores, mesmo que subalternos, pois a reflexão estava presente à medida que falava. O seu falar transparecia um sentimento paternal, acrescido de cordialidade, discrição e educação. Dom Quintino era verdadeiro, corajoso, manso e cauteloso, especialmente, nos momentos de dificuldades, na sustentação de seus pontos de vista e nas suas ações.



**Figura 22 – Dom Quintino, primeiro bispo do Crato.
Fonte: Arquivo da Diocese do Crato.**

⁵³ Ver anexo 5 e anexo 6: Cartas Pastorais destinadas à Madre Ana Couto, convidando-a para administrar o Colégio.

A figura 19 mostra o primeiro bispo do Crato, Dom Quintino, que dedicou 37 dos seus 42 anos de vida pública, isto é, de sacerdócio à cidade do Crato, deixando uma enorme contribuição social, religiosa, educacional e cultural. Dom Quintino faleceu no dia 29 de dezembro de 1929, e seus restos mortais encontram-se sepultados na capela de Jesus Ressuscitado, na Catedral do Crato.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento que a história produz nunca é perfeito ou acabado, e sua compreensão é mais efetiva, a partir da história, corroborando para que as ações realizadas pelos homens não se apaguem com o tempo, permitindo um entendimento do momento histórico concreto, presente ou proximamente passado. (BORGES, 1993).

Os fatos e atos expostos no trabalho formam um conjunto de assuntos concretos, que tornam a história deste estudo bastante legível, permitindo a visão, de forma clara, que os objetivos da Igreja Católica, mesmo contra as adversidades e dificuldades, em terra tupiniquim, foram passo a passo, sendo cumpridos, contudo, não acabados.

Nessa perspectiva, temos a compreensão da eficácia da Igreja Católica, quanto ao plano traçado, seguindo um roteiro e métodos europeus, cuja execução inicia-se com a colonização, logo, o planejamento sai da teoria para a prática com a catequese do povo local, usando a educação como facilitador da aculturação.

Esse processo, no Brasil, foi iniciado com a chegada das ordens religiosas que serviram, ao mesmo tempo, para a manutenção da ordem e estabelecimento dos preceitos cristãos. Estas tiveram um papel importante na configuração da sociedade brasileira pela assistência social, espiritual e educacional que prestavam ao povo, nos aldeamentos ou missões, e posteriormente, nas vilas e cidades.

À proporção que o tempo passava e os objetivos iam sendo alcançados, a Igreja se fortalecia, especialmente, com a aplicação da romanização com a criação de seminários, dioceses, paróquias, colégios, revistas e jornais eclesiásticos.

No Crato, a criação da Diocese e os investimentos realizados no âmbito educacional, alteraram definitivamente a vida dos moradores da região do Cariri, a partir daquele momento, nos seus projetos de vida ou de seus filhos, a educação seria algo palpável e viável, portanto era necessário enviar os filhos para estudar nas escolas daquela cidade. A educação torna-se ponto de importância para o futuro dos filhos.

Essas ações na construção de escolas confessionais modificaram a visão que se tinha da educação, agora, como possibilidade material de mudança, e

atraíram ao Crato, a atenção de uma população carente desse tipo de serviço, e que residia no seu entorno. Essa visão foi permanentemente assegurada com novas ações no espaço e, modelou de forma eficiente a visão das novas gerações em relação ao município, numa perspectiva de comparação com as outras cidades.

Levando em consideração esses pressupostos, e enfocando o caso da cidade do Crato, sob a ótica dessas abordagens, considerando-a, portanto, centro de uma região, como consequência de ações implementadas no seu espaço urbano, sua posição como centro educacional, na época do primeiro bispado, refere-se ao seu grau de importância a partir de suas funções centrais: maior o número delas, maior a sua região de influência, maior a população externa atendida pela localidade central e maior a sua centralidade. Sem dúvida, os investimentos educacionais consolidaram essa centralidade.

Um aspecto importante nessa análise, é que o centro de uma região, numa abordagem em relação à hierarquia urbana, e de um maior número de funções que detém, em relação ao restante da região, sempre implicará de forma diretamente proporcional em um maior número de empregos numa relação quantidade e diversidade, que em resumo, eleva o nível hierárquico de uma localidade central, maior o número de funções centrais, maior a sua população urbana, sua região de influência e o total da população servida.

A cidade do Crato, desse modo, centralizou, à época, aqui analisada, as ações motoras do progresso, urbano e rural, com investimentos por parte da Igreja católica, no setor econômico, social, cultural e sem dúvida, no setor educacional, em todos os níveis, criando e recriando os processos que dão continuidade à ideia dessa cidade como centro difusor do desenvolvimento regional.

5. REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. O início da restauração católica no Brasil: 1920-1930. Síntese. Núm. 10, v. IV, mai/ago 1977.

_____. A educação católica no período da romanização da Igreja do Brasil: 1840-1960. *Convergência*, jan.-fev./ 1990 pág. 48-64. Rio de Janeiro.

BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BESSA, Dom Pompeu Bezerra. *A Antiga Freguesia do Limoeiro – Notas para sua História*. Fortaleza-CE. Premius Editora, 1998.

BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e democracia*. Tradução Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história*. 2ª ed. Ver. – São Paulo: Brasiliense, 1993. (Coleção primeiro passos: 17)

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Consumo do espaço*. Pág. 175. (in) *Novos caminhos da geografia*. Ana Fani Alessandri Carlos (Organizadora) São Paulo. Contexto, 2001.

CASTELO, Plácido Aderaldo. *O Seminário da Prainha*. *Revista do Instituto do Ceará – ANNO LXXVII*, p. 57-79, 1964.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Ralph Della Cava; tradução Maria Yedda Linhares. – 3ª. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

COMTE, Auguste, 1798-1857. *Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista / seleção de textos de José Arthur Giannotti; traduções de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

CORRÊA, Roberto Lobato. *Espaço: um conceito-chave da Geografia*. Pág. 36-40. (in) *Geografia: conceitos e temas/ organizado por Iná Elias de Castro, Paulo da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa*. 5ª edição – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. Ed. Ática, São Paulo, 1989.

DALLABRIDA, Norberto. *Das escolas paroquiais às PUCS: república, recatolicização e escolarização*. (in) STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). *Histórias e Memórias da educação no Brasil*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2005.

ELIAS, Norbert, 1897-1990. *O processo civilizador / Norbert Elias; tradução Ruy Jungman; revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro*. 2ª. Edição – V. I – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FIGUEIREDO, Tales Eduardo Santos. A Diocese do Crato: gênese e contexto. Crato – CE: Control P Soluções Gráficas, 2015.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

GAARDER, Jostein. O livro das religiões. Jostein Gaarder, Victor Hellern, Henry Notaker; tradução Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo, SP: Cia. das Letras, 2006.

HOBSBAWM, Eric J. Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. Tradução Marcos Santarrita – revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAPIASSÚ, Hilton. Dicionário básico de filosofia / Hilton Japiassú, Danilo Marcondes. 3º. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

JÚLIO MARIA, Padre. A Igreja e a República. Brasília: Editora UNB, 1981.

LE GOFF, Jacques. História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et. al.] -- Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LIRA NETO. Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão. Companhia das letras, 2009.

MAIA, Lígio de Oliveira. Aldeias e missões nas capitâneas do Ceará e Rio Grande: catequese, violência e rivalidades. REVISTA TEMPO. Vol. 19 n. 35, p. 7-22, dez - 2013.

MARTINS, Gabriela Pereira. Ultramontanos, positivistas e liberais: reflexões a partir da separação Igreja-Estado. Sacrilégens - revista dos alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF, 2008. Disponível em <http://www.ufjf.br/sacrilégens/files/2009/06/5-4.pdf>

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro A. Religião e dominação de classe – Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1985.

PARENTE, Francisco Josênio. Anauê – os camisas verdes no poder. Edições UFC. Fortaleza, 1999.

_____, A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses. Coleção Modernidade. Edições UFC/UVA. Fortaleza, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e história cultural. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004. Pag. 14 e 15.

PICCARDO, Diego R. Historia del concilio plenário Latinoamericano (Roma, 1899). Extracto de la tesis doctoral presentada em la Facultad de Teología de la Universidad de Navarra. Vol. LIX, n. 6. Pamplona, 2012.

PINHEIRO, Francisco José. O Processo de romanização no Ceará. (in) SOUZA, Simone de (Org.). História do Ceará. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1989. Pág.200.

PINHEIRO, Irineu. O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes. – Irineu Pinheiro. – Ed. Fac. Sim. – Fortaleza: FWA, 2009. 296p. – (Coleção biblioteca Básica Cearense).

PINTAUDI, Silvana Maria. A cidade e as formas de comércio. Pág. 151. (in) Novos caminhos da geografia. Ana Fani Alessandri Carlos (Organizadora) São Paulo. Contexto, 2001.

POLAK, Ymiracy N. de Souza. Dialogando sobre metodologia científica. José Alves Diniz e José Rogério Santana et. al. Fortaleza: edições UFC, 2011.

REZNIK, Luís. Qual o lugar da história local? Artigo publicado em www.historialocal.com.br, acessado em 25.03.2014.

SANTO AGOSTINHO. A cidade de Deus. Tradução de J. Dias Pereira. V. I – 2ª. Edição. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

SAVIANI, Dermeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. – 2ª. ed. ver. e ampl. – Campinas, SP: Autores Associados, 2008. – (Coleção memória da Educação).

SILVA, Francino Oliveira. O Concílio Plenário Latino-Americano (1899): Primeiras aplicações na Diocese de Diamantina. Revista de Cultura Teológica – v. 16 – 64 – jul/set 2008.

SOARES, Edvaldo. Pensamento católico brasileiro: influências e tendências. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

SOBREIRA, Azarias (Pe.). O Primeiro Bispo de Crato: Dom Quintino. Azarias Sobreira. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda., 2006.

_____. Dom Quintino – centenário. Revista do Instituto do Ceará – ANNO LXXIX – p. 75-88, 1965.

SOUZA, Marcelo José Lopes. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. Pág. 107. (in) Geografia: Conceitos e Temas. CASTRO, Iná Elias de e outros. (ORG). 5ª Ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2003.

THOMPSON, Paul. A voz do Passado – História Oral. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro. 3ª Ed. 2007. Pág. 107.

TUCHMAN, Barbara Wertheim, 1912-1989. A prática da história / Bárbara W. Tuchman; tradução de Waltensir Dutra. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula. O Limoeiro da educação: a história da criação da diocese e a ação educacional de Dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte (1938-1968). Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, 2006.

ANEXOS

ANEXO 1 – Cronologia dos fatos de Juazeiro ligados a padre Cícero⁵⁴

24.03.1844 – Nascimento do PE. Cícero no Crato.

08.04.1844 – Batismo na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha, do Crato.

07.03.1865 – Ingresso no Seminário da Prainha, em Fortaleza.

30.11.1870 – Ordenação sacerdotal em Fortaleza, sendo ordenante Dom Luiz Antônio dos santos, primeiro bispo do Ceará.

25.12.1871 – Festa do Natal do Senhor: celebra, pela primeira vez, a missa, em Juazeiro.

28.08.1884 – Visita pastoral de Dom Joaquim José Vieira, 2º. Bispo do Ceará, a Juazeiro; inauguração da Igreja de Nossa Senhora das Dores, construída pelo Pe. Cícero.

28.08.1886 – Encontro com dom Joaquim e pela primeira vez, Pe. Cícero fala ao bispo sobre fenômenos extraordinários na pessoa de Maria de Araújo.

01.03.1889 – Primeira transformação da hóstia em sangue na boca de Maria de Araújo, na hora da comunhão.

04.11.1889 – Primeira carta de Dom Joaquim ao Pe. Cícero, pedindo informações sobre os fatos de Juazeiro.

17.07.1891 – Pe. Cícero é convocado pelo bispo à fortaleza e responde os interrogatórios no Palácio Episcopal.

19.07.1891 – Decisão interlocutória de Dom Joaquim: “aquele sangue não é nem pode ser o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

28.07.1891 – Petição de apelação de alguns habitantes de Juazeiro contra a decisão Interlocutória; a petição foi rejeitada por Dom Joaquim.

13.10.1891 – A comissão ouve os depoimentos das testemunhas em Juazeiro: oito sacerdotes, nove beatas, inclusive Maria de Araújo.

28.11.1891 – As atas do processo são entregues a Dom Joaquim em Fortaleza; o prelado não aceita as conclusões do processo.

22.04.1892 – A segunda comissão de inquérito, por ordem de Dom Joaquim, faz três experiências de administração da comunhão de Maria de Araújo.

20.07.1892 – Padre Francisco Ferreira Antero viaja a Roma, levando cópia do processo.

⁵⁴ Fonte: <http://www.godocs.com.br/padre/docs/cronologia.pdf>

09.07.1892 – Padre Antero entrega sua petição ao Santo Ofício e é ouvido em interrogatório.

17.07.1892 – Cartas do Santo Ofício a Dom Joaquim José Vieira, bispo do Ceará.

06.08.1892 – Portaria de Dom Joaquim suspende o padre Cícero das faculdades de confessar, pregar e administrar os sacramentos.

23.01.1894 – Portaria de dom Joaquim proíbe aos padres qualquer celebração de festividade religiosa na capela de Juazeiro.

04.04.1894 – Decreto do Santo Ofício, reprovando e condenando os fatos de Juazeiro como “prodígios vãos e supersticiosos”.

25.07.1894 – Segunda carta pastoral de dom Joaquim com normas para a aplicação do decreto na diocese.

13.09.1894 – Portaria de dom Joaquim com normas aos padres implicados nos fatos de Juazeiro.

16.09.1894 – Padre Alexandrino lê do púlpito, em Juazeiro, o decreto do Santo Ofício e toma providências a respeito de Maria de Araújo, transferida para a casa de caridade de Barbalha, e das outras beatas.

27.12.1894 – Carta do padre Cícero ao Santo Ofício, em que recorre da decisão tomada no decreto de abril.

12.01.1895 – Padre Cícero, por exigência do bispo, faz por escrito uma declaração de aceitação do decreto.

13.04.1896 – Portaria de dom Joaquim proíbe padre Cícero de celebrar missa.

10.02.1897 – Novo decreto proíbe a permanência do padre Cícero em Juazeiro, sob pena de excomunhão.

29.06.1897 – Padre Cícero deixa o Juazeiro e segue para Salgueiro, no estado de Pernambuco.

08.02.1898 – Padre Cícero embarca no porto do Recife para Roma.

25.02.1898 – Chegada a Roma.

28.04.1898 – Primeiro interrogatório do padre Cícero no Santo Ofício.

12.05.1898 – Quinto interrogatório.

17.08.1898 – Decreto do Santo Ofício absolve padre Cícero de todas as censuras, mas permanece a proibição de pregar, confessar e dirigir as almas.

01.09.1898 – Padre Cícero faz vários requerimentos ao Santo Ofício para regularizar a sua situação e, inclusive, celebrar missa.

05.09.1898 – Primeira missa do padre Cícero, depois da suspensão, na Igreja de São Carlos, em Roma.

06.10.1898 – Audiência com o papa: padre Cícero fala com Leão XIII; à noite, deixa a cidade de Roma.

27.10.1898 – Chegada do padre Cícero a Recife, depois chega a Fortaleza.

15.11.1898 – Padre Cícero se apresenta a dom Joaquim, que o autoriza a celebrar na diocese, menos em Juazeiro.

20.06.1899 – Padre Cícero volta a residir em Juazeiro, onde permanecerá até a morte.

30.03.1906 – Representação da comissão de comércio de Juazeiro a dom Joaquim, pela reabilitação de padre Cícero, que, em seguida, foi enviada a Roma.

24.11.1907 – O Santo Ofício rejeita o pedido de reabilitação.

04.10.1911 – Instalação do município do Juazeiro e posse do padre Cícero, como seu primeiro prefeito.

20.10.1914 – Criação da diocese do Crato.

01.01.1916 – Posse do primeiro bispo do Crato, dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva.

25.12.1916 – Dom Quintino permite ao padre Cícero celebrar missa em Juazeiro.

14.04.1917 – O núncio dom José Aversa comunica a dom Quintino a sentença de excomunhão do padre Cícero; mas, dom Quintino não comunica a padre Cícero.

29.04.1920 – Dom Quintino escreve ao padre Cícero comunicando a sentença de excomunhão, mas a carta é interceptada pelo médico e não é entregue por causa do seu estado de saúde; dom Quintino concorda com esta solução.

09.11.1920 – Dom Quintino escreve ao papa Bento XV pedindo a absolvição da pena de excomunhão e a autorização para celebrar missa.

03.06.1921 – Dom Quintino retira o uso de ordens do padre Cícero.

22.09.1924 – Padre Cícero reinicia pedido de reabilitação junto ao Vaticano.

27.01.1926 – Vaticano rejeita o pedido de reabilitação, a menos que padre Cícero deixe Juazeiro ou entre numa congregação religiosa.

20.07.1934 – Morte do padre Cícero em Juazeiro.

ANEXO 2 - A carta, na íntegra, de Dom Luiz, bispo do Ceará, aos fiéis da Freguesia do Crato, solicitando ajuda na construção da Diocese de Fortaleza ⁵⁵

D. Luiz Antônio dos Santos, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo da Fortaleza, do Conselho de S. M. o Imperador, etc. etc.

A todos os fiéis da Freguesia do Crato.

Sendo o estabelecimento dos Seminários eclesiásticos tão recomendado pelo Sacro Concílio Tridentino, que muito bem soube apreciar a utilidade e grande proveito de uma instituição, onde se devem formar e instruir nas ciências e virtudes os clérigos, que devem depois continuar a grande obra do Filho de Deus, que quer que a sua Igreja continue até o fim dos séculos, e vendo Nós com a maior dor do Nosso coração que esta Nossa Diocese da Fortaleza ainda se acha privada de tão necessário estabelecimento, onde, se possam os numerosos candidatos ao Sacerdócio, que quase cotidianamente a Nós se apresentam, ser recolhidos e instruídos nas matérias próprias de um tão alto Estado, e educados convenientemente às funções que um tal estado exige, deixando desta arte de irem mendigar nos Seminários dos outros Bispados e com maior despesa o que poderão conseguir no seu; e achando-Nos privado dos meios de lançarmos já os fundamentos de tão profícua obra, e que não deixará por certo muito honrar os religiosos habitantes deste Bispado, cuja fé e boa vontade tão conhecidas são; Nós, amados filhos, com as vistas em Deus, e nutrindo a mais bem fundada esperança de sermos atendidos, recorreremos à vossa caridade e vos pedimos em nome da Igreja Católica, nossa boa mãe, e em nome da pobre e ainda nova Igreja Cearense, uma esmola. É um Bispo pobre que vos pede uma esmola, não para engrandecer e aformosear a sua casa, mas para vós mesmos, para vossos filhos e vindouros que, bendizendo a

⁵⁵ PINHEIRO, Irineu. O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes. – Irineu Pinheiro. – Ed. Fac. Sim. – Fortaleza: FWA, 2009. 296p. – (Coleção biblioteca Básica Cearense). (p. 164-165).

vossa memória, se utilizarão do edifício que queremos legar à Diocese da Fortaleza. Vossos nomes, meus amados filhos, não só ficarão escritos no Edifício, que com vossas esmolas edificardes, mas ainda no grande livro da vida para na Bem-aventurança eterna receberdes o prêmio da vossa caridade. A causa é de todos, e todos devem para ela concorrer, cada um com o que as suas posses permitirem. Não exigimos grande sacrifício da vossa parte, mas só desejamos que ninguém se escuse de pequena contribuição que pedimos para a obra de tão grande alcance moral e civil. E para que a coleta se faça com regularidade e presteza, autorizamos o Rdo. Pároco dessa Freguesia a nomear uma comissão de seis membros, sendo ele mesmo um deles, a fim de agenciarem as esmolas, que serão por intermédio do mesmo Rdo. Pároco, remetidas ao nosso Vigário Geral e Provisor nesta Capital. Dada na cidade de Fortaleza, aos 3 de Dezembro, dia do Apóstolo das Índias, São Francisco Xavier, do ano de 1861. “Luiz Bispo do Ceará”.

ANEXO 3 – A relação de paróquias (56) atreladas à Diocese de Crato, distribuídas em regiões Forâneas

REGIÃO FORÂNEA 1

- 1) Paróquia Sé Catedral Nossa Senhora da Penha – Crato/Centro
- 2) Paróquia Nossa Senhora Aparecida – Crato/Gisélia Pinheiro
- 3) Paróquia Nossa Senhora de Fátima – Crato/Pimenta
- 4) Paróquia Sagrada Família – Crato/Vila alta
- 5) Paróquia Sagrado Coração de Jesus – Crato/Novo Crato
- 6) Paróquia São Francisco de Assis – Crato/Pinto Madeira
- 7) Paróquia São José Operário – Crato/Distrito Ponta da Serra
- 8) Paróquia São Miguel – Crato/São Miguel
- 9) Santuário Eucarístico Diocesano – Crato/Centro

REGIÃO FORÂNEA 2

- 1) Paróquia Basílica Menor Santuário N. Senhora das Dores – Juazeiro do Norte/Centro.
- 2) Paróquia Menino Jesus de Praga – Juazeiro do Norte/Novo Juazeiro
- 3) Paróquia Nossa Senhora Aparecida – Juazeiro do Norte/Romeirão
- 4) Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora – Juazeiro do Norte/Antônio Vieira
- 5) Paróquia Nossa Senhora de Lourdes – Juazeiro do Norte/São Miguel
- 6) Paróquia Sagrado Coração de Jesus – Juazeiro do Norte/Salesianos
- 7) Paróquia Sagrado Coração de Jesus – Juazeiro do Norte/Distrito Padre Cícero
- 8) Paróquia São Cristóvão – Juazeiro do Norte/Aeroporto
- 9) Paróquia São Francisco das Chagas – Juazeiro do Norte/Franciscanos
- 10) Paróquia São João Bosco – Juazeiro do Norte/Triangulo
- 11) Paróquia São José do Limoeiro – Juazeiro do Norte/Limoeiro
- 12) Paróquia Santo Antônio – Barbalha/Centro
- 13) Paróquia São Vicente de Paulo – Barbalha/Alto da Alegria
- 14) Paróquia São Pedro – Caririaçu/Centro

REGIÃO FORÂNEA 3

- 1) Paróquia Imaculada Conceição – Mauriti
- 2) Paróquia Imaculado Coração de Maria – Abaiara
- 3) Paróquia Nossa Senhora da Conceição – Porteiras
- 4) Paróquia Nossa Senhora da Conceição – Barro
- 5) Paróquia Santo Antônio Santuário Diocesano da Divina Misericórdia – Barro
- 6) Paróquia Nossa Senhora da Saúde – Penaforte
- 7) Paróquia Nossa Senhora das Dores – Jamacaru
- 8) Paróquia Nossa Senhora dos Milagres – Milagres
- 9) Paróquia Sagrado Coração de Jesus – Brejo Santo
- 10) Paróquia Sagrado Coração de Jesus – Palestina
- 11) Paróquia Santo Antonio – Jardim
- 12) Paróquia São José – Missão Velha
- 13) Paróquia Senhora Santana – Jatí

REGIÃO FORÂNEA 4

- 1) Paróquia Nossa Senhora da Conceição – Farias Brito
- 2) Paróquia Nossa Senhora da Conceição – Granjeiro
- 3) Paróquia Nossa Senhora da Conceição – Ipaumirim
- 4) Paróquia Nossa Senhora do Rosário – Quitaius
- 5) Paróquia São Francisco das Chagas – Baixio
- 6) Paróquia São Gonçalo do Amarante – Umari
- 7) Paróquia São Raimundo Nonato – Várzea Alegre
- 8) Paróquia São Sebastião – Lavras da Mangabeira
- 9) Paróquia São Vicente Ferrer – Lavras da Mangabeira
- 10) Paróquia Senhor Menino Deus – Aurora

REGIÃO FORÂNEA 5

- 1) Paróquia Nossa Senhora da Penha – Campos Sales
- 2) Paróquia Nossa Senhora das Angustias – Tarrafas

- 3) Paróquia Nossa Senhora das Dores – Assaré
- 4) Paróquia Santa Teresa de Jesus – Altaneira
- 5) Paróquia Santo Antonio – Antonina do Norte
- 6) Paróquia Santo Antonio – Araripe
- 7) Paróquia São Francisco de Assis – Salitre
- 8) Paróquia São José – Potengi
- 9) Paróquia São Sebastião – Nova Olinda
- 10) Paróquia Senhora Santana – Santana do Cariri

ANEXO 4 – Cronologia de datas importantes atreladas à formação eclesial do Ceará

1853 – A fundação da cidade do Crato.

1860 – A criação da diocese do Ceará e nomeação do primeiro bispo, dom Luiz Antônio dos Santos.

1863 – Nascimento de Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, o primeiro bispo do Crato, em Quixeramobim, no Estado do Ceará.

1864 – A criação do seminário da Prainha.

1875 – A criação do seminário São José (seminário do Crato).

1914 – A criação da diocese do Crato e nomeação do primeiro bispo, dom Quintino.

1914 – A elevação da diocese do Ceará à arquidiocese.

1915 – Criação da diocese de Sobral.

1929 – Falecimento de D. Quintino no dia 28 de dezembro.

1938 – Criação da diocese de Limoeiro do Norte.

1961 – Criação da diocese de Iguatu.

1964 – Criação da diocese de Crateús.

1971 – Criação da diocese de Quixadá, Tianguá e Itapipoca.

ANEXO 5 – Carta Pastoral de Dom Quintino para o Padre Azarias Sobreira sobre o jornal A Região⁵⁶

Crato, 28 de Abril de 1919

PE. AZARIAS:

Venho responder à sua cartinha de 4 do corrente, recebida há alguns dias.

As suas cartas não são para mim destituídas de interesse, embora as notícias que me trazem de sua saúde não sejam tão animadoras como eu as desejava.

Antes quero recebê-las mesmo assim, do que colhê-las de terceiros que, de ordinário, limitam-se ao simples vai bem do estilo, nada mais sabendo adiantar.

Quer me parecer que o seu ambiente de timidez é antes um ambiente de preguiça que os italianos bem exprimem com o seu *dolce farniente*, esse em que vive, embora forçadamente, lendo o seu *Kneipp*, que bom proveito lhe faça.

“A Região” está de fato nas mãos de Deus e em melhores mãos não pode estar; se, porém, os padres não tomarem por ela um interesse real, difícil será mantê-la.

Está-se à espera do prelo pequeno comprado no Rio, para auxiliar a empresa com publicações pequenas que sempre deixam algum resultado.

Liberte-se logo da sua tuberculose e venha ser o redator-secretário de “A Região”.

O padre Feitosa, com a chegada da família aqui, mostra-se bem disposto, não sei se é porque lhe parece inevitável o fracasso do jornal. Não devo pensá-lo. Ele continua a lecionar no Colégio Diocesano e

⁵⁶ SOBREIRA, Azarias (Pe.). O Primeiro Bispo de Crato: Dom Quintino. Azarias Sobreira. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda., 2006. (p. 107-108).

a esperar pela cadeira de latim do futuro Curso Secundário.

Já pediu exoneração do cargo de escrivão, alegando ter cessado, com o novo secretário, a causa de sua nomeação, que fora o estado de saúde do primeiro, e querer dedicar-se melhor ao seu encargo de redator-chefe de “A Região” não foi, porém, atendido ainda.

Creio que conviria dispensar o redator-secretário, por medida de economia.

A notícia que me deu do zelo do padre Alcântara muito me alegrou. Deus o assista sempre e afervore.

O padre N. chegou um tanto arisco, como quem trazia o espírito cheio de prevenções; o tempo, porém, para que tem critério, é bom remédio para males tais.

Faremos o possível, para que o Colégio não se feche.

O padre Joviniano já fala em levantar a pensão, mais dez mil réis por mês, e alguns pais já se manifestaram favoravelmente.

Minha mãe continua acamada pela enfermidade que apanhou antes de seguir para cá. O médico visita-a diariamente. Quanto ao mais, vai tudo muito bem.

Nosso senhor o abençoe e a sua família.

Quintino, Bispo Diocesano

ANEXO 6 – Primeira Carta pastoral destinada à Madre Ana Couto, convidando-a para administrar o Colégio⁵⁷

Crato, 16 de janeiro de 1923

Naninha Couto:
Louvado seja Deus.

Por intermédio da Chiquinha Piancó, dirigi-lhe uma carta, antes do dia de ano, acusando o recebimento das suas duas cartas, falando-lhe do resultado negativo das minhas diligências para adquirir religiosas para a fundação de um Colégio aqui, e indagando qual o seu pensamento ou intenção, agora, relativamente à sua antiga aspiração de se dedicar exclusivamente ao serviço divino.

Esta carta, que a Chiquinha lhe enviou, por especial favor do Sr. João Caldas, do Saco da Pedra Branca, apesar de não recomendada, diz este que se extraviou!

Ontem, na falta de qualquer palavra direta de sua parte a respeito deste incidente, eu disse à Chiquinha que notava pouco interesse da sua parte, talvez por desconfiança ou receio do conteúdo, e portanto lhe mandasse dizer que a tal carta ficava sem efeito, se por ventura ainda lhe chegasse às mãos.

Confirmo isto agora, mas lhe peço, ainda, que, por este portador, escreva um bilhete ao Sr. Caldas, dizendo-lhe que, se por ventura for encontrada a carta, ele a entregue ao mesmo portador que m'a reconduzirá.

Nosso Senhor a conforte.

Quintino, Bispo Diocesano

⁵⁷ SOBREIRA, Azarias (Pe.). O Primeiro Bispo de Crato: Dom Quintino. Azarias Sobreira. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda., 2006. (p. 137).

ANEXO 7 – Segunda Carta pastoral destinada à Madre Ana Couto, convidando-a para administrar o Colégio⁵⁸

Crato, 23 de janeiro de 1923

Naninha Couto:

Deus seja louvado.

Recebi suas cartas ficando ciente do extravio da minha e da razão por que v. nada havia dito, não sabendo do que se tratava na minha carta.

Já que é possível nos entendermos pessoalmente, e em vista da pressa que tenho de resolver o meu negócio, venho lh'ó expor ligeiramente nesta.

Por uma carta da provincial das Ursulinas, publicada em "A Região" (que eu lhe tinha mandado dentro da carta), vê-se que falhou o acordo que ela fez comigo, em fins de julho último, de virem instalar-se aqui, neste corrente mês.

Este insucesso, que me contrariou, reavivou em meu espírito aquela ideia, que já tive ocasião de lhe expor, e que já não havia realizado porque convinha esperar, tentando primeiro outra solução, isto é, a instalação de uma Congregação aqui.

Não o tendo conseguido até hoje, entrei a pensar: não será Deus servido que se faça experiência com os fracos elementos de que dispomos?

É isto o que tenciono fazer com o seu concurso e de mais algumas moças piedosas, duas, três ou quatro, que me parecem animadas do espírito de Deus.

Assim, pois, resolvi fundar um Colégio que terá diretoras externas e colaboradoras para o ensino das aulas, mas cuja administração interna ficará a cargo das futuras religiosas, que não é necessário que sejam instruídas para o desempenho de sua missão, bastando apenas que tenham espírito.

Digamos com Pedro Eremita "Deus o quer, e vamos ver o que podemos com a sua graça".

Mas isto tem de ser logo! A abertura do Colégio "Sta. Tereza de Jesus" está anunciada para o dia 15 de fevereiro próximo. Como é?...

⁵⁸ SOBREIRA, Azarias (Pe.). O Primeiro Bispo de Crato: Dom Quintino. Azarias Sobreira. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda., 2006. (p. 139-140).

Responda-me guardando reserva.

Nosso senhor a abençoe e inspire.

Quintino, Bispo Diocesano

